

FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

CLARITA EVELINE MORAES VARELLA

ESPIRITUALIDADE E INTEIREZA DO SER: UM PROCESSO DE
AUTOFORMAÇÃO NA INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA.

Porto Alegre
2009

CLARITA EVELINE MORAES VARELLA

ESPIRITUALIDADE E INTEIREZA DO SER: UM PROCESSO DE
AUTOFORMAÇÃO NA INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA.

Dissertação apresentada como requisito para obtenção
do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação
da Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade
Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Leda Lísia Franciosi Portal.

Porto Alegre
2009

CLARITA EVELINE MORAES VARELLA

ESPIRITUALIDADE E INTEIREZA DO SER: UM PROCESSO DE
AUTOFORMAÇÃO NA INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA.

Dissertação apresentada como requisito para obtenção
do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação
da Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade
Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em 21 de janeiro de 2009.

BANCA EXAMINADORA:

Orientadora: Profa. Dra. Leda Lísia Franciosi Portal

Prof. Dr. Juan José Mouriño Mosquera

Profa. Dra. Maria Inês Côrte

RESUMO

Para o desenvolvimento da presente pesquisa foi delimitado um objetivo geral que visou identificar as experiências formadoras de mestres e doutor que desenvolveram pesquisas no âmbito da Dimensão Espiritual e da Inteiraza do Ser no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Foram elencados como objetivos específicos: a) identificar, nas narrativas de histórias de vida dos sujeitos entrevistados, relatos que, pela força de significação, foram incorporados como experiências formadoras, sob o ângulo da aprendizagem; b) analisar como as experiências formadoras se exteriorizaram durante o processo de formação dos entrevistados; c) analisar como as experiências formadoras se desvelaram em suas próprias pesquisas científicas, dissertações e tese. As questões norteadoras da pesquisa foram propostas com a intenção de compreender se o processo individual e subjetivo de autoformação aproxima o sujeito-pesquisador de quem é, e se suas experiências fundadoras hologramaram o rumo de suas pesquisas científicas. A seleção dos cinco (5) sujeitos de pesquisa foi por critério intencional: (4) dissertações e (1) tese, estruturadas a partir dos estudos do Grupo de Pesquisa - Educação para a Inteiraza: um (re)descobrir-se. Numa abordagem qualitativa, a entrevista semiestruturada foi o instrumento de coleta de dados, submetidos à análise textual discursiva de Moraes (2007), tendo respaldo teórico na abordagem biográfica de formação de Josso (2004). Sua teorização implicou interlocução empírica e teórica, e correspondeu às compreensões do pesquisador e dos pesquisados, emergindo do estudo o seguinte enunciado - A ação traz intrinsecamente a consciência potencial de experiências fundadoras do processo subjetivo que aproximam o sujeito de quem é na investigação científica, respondendo ao problema que a pesquisa se propôs investigar: - Como experiências formadoras de mestres e doutores se desvelam na investigação científica.

Palavras-chave:

Espiritualidade – inteireza do ser – experiências formadoras – autoformação.

ABSTRACT

For the development of this research a general aim was determinate to identify the formative experiences of master and doctors who developed the search under the soul and Spiritual Dimension of Being in a post-graduation Program in Education, Faculty of Education of the Catholic University Rio Grande do Sul (PUCRS). Specific objectives were listed as: a) identify, in the narratives of life stories of the subjects interviewed, reports that, by virtue of meaning, were incorporated as training experiences, from the perspective of learning, b) to analyze how the experience was educational for the training process of the interviewees c) examine how the experience was unveiled in forming its own scientific research, dissertations and thesis. The guiding questions of the research were proposed with the intention to understand the individual and subjective process of self-researcher approaching the subject of who is, and if their experiences founding holograms the course of their studies. The selection of five (5) subject to search was intentional criterion: (4) and dissertations (1) thesis, structured from the studies of the Research Group - Education for the whole: a (re) discover themselves. A qualitative approach, the interview was the semi-data collection instrument, subjected to textual analysis discursive by Moraes (2007), and theoretical support in the biographical approach of training Josso (2004). His theory implied interlocution empirical and theoretical, and up to understandings of the researcher and researched, emerging from the study follows - The action brings the intrinsically aware of the potential of experience founding subjective process to bring the subject of who is in scientific research, responding the problem that the search itself investigate: - How to experience training of teachers and doctors are unveiling in scientific research.

Keywords:

Spirituality - wholeness of being - formative experiences - self.

*Para ser grande, sê inteiro,
nada teu exagera ou exclui.
Sê todo em cada coisa,
põe quanto és,
no mínimo que fazes.
Assim em cada lago a lua toda brilha,
porque alta vive.*

Fernando Pessoa

SENTIMENTO DE GRATIDÃO

É com profundo sentimento de gratidão que expresso em palavras minha reverência, primeiramente à vida, dádiva divina, valendo-me da canção de Violeta Parra:

*Gracias a la vida que me ha dado tanto
me ha dado el sonido e el abecedario
con él las palabras que pienso y declaro
madre, amigo, hermano y luz alumbrando
la ruta del alma del que estoy amando ...*

Sou grata a todas as pessoas que me inspiraram e iluminaram com suas presenças minha vida. Agradeço de coração a coração todos aqueles que contribuíram significativamente para que eu estivesse aqui hoje.

*Gracias a la vida que me ha dado tanto
me dio el corazón que agita su marco
quando miro el fundo del cérebro humano
quando miro el bueno tan lejos del malo
quando miro el fundo de tus ojos claros...*

Abençoadas sejam as pessoas que fazem parte da minha vida; cada uma a sua maneira, representa um elo singular. A singularidade de cada um é um pedaço da minha própria alma que necessito escutar, compreender e integrar.

*Gracias a la vida que me ha dado tanto
me ha dado el oido que em todo su ancho
grava noche y dia grillos y canarios
martillos, turbinas, ladridos, chubascos
y la voz tan tierna de mi bien amado...*

Na caminhada em direção a mim mesmo segui por onde me levaram os meus próprios passos, desenhando os pés na areia intocada, assumindo a autoria de cada pegada durante a

trajetória. A trilha a ser seguida sempre esteve onde deveria estar, o primeiro passo desencadeou uma série de acontecimentos e em cada curva do caminho encontrei uma pessoa que estava a minha espera.

*Gracias a la vida que me há dado tanto
me há dado la marcha de mis pies cansados
com elos anduve ciudades, montañas y llanos
y la casa tuya tu calle y tu pátio...*

Em cada encontro houve um pacto recíproco de confiança e no enlace das mãos seguia uma mensagem de otimismo e perseverança que pretendo agora retribuir com a apresentação da presente pesquisa – Espiritualidade e inteireza do ser, um processo de autoformação na investigação científica, principalmente no que ela representou para mim, ciente dos diferentes olhares e compreensões.

Assim, é com profundo sentimento de gratidão que indistintamente bendigo a todos que estiveram e continuam ao meu lado e dou graças por ter cumprido esta etapa de formação do Mestrado no Programa de Pós Graduação da Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS

*Gracias a La vida que me há dado tanto
me há dado la risa e me há dado el llanto
asi yo distingo dichas de quebrantos
los dos materiales que formam mi canto
y el canto de ustedes que es el mismo canto
y el canto de todos que es mi próprio canto
Gracias a la vida.*

LISTA DE ILUSTRAÇÕES:

Figura 1 - Caligrafia *Sanka Ketsujitsu*: As flores caem e os frutos se formam.....69

SUMÁRIO

1 PONTO DE PARTIDA: INTERAÇÕES EM SI, DA LETRA FRIA DA LEI À INTEIREZA DO SER E À ESPIRITUALIDADE - CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA.	10
2 CAMINHO PERCORRIDO: ENCONTROS ENTRE SUJEITO -PESQUISADOR E SUJEITOS DA PESQUISA - PASSOS DA ABORDAGEM METODOLÓGICA.	19
3 A DINÂMICA DA ESPIRAL: O OLHAR DO PESQUISADOR E A VISÃO DOS TEÓRICOS ENTRELACADOS COM AS FALAS DOS SUJEITOS INVESTIGADOS.	26
3.1 A AÇÃO TRAZ INTRINSECAMENTE A CONSCIÊNCIA POTENCIAL DE EXPERIÊNCIAS FUNDADORAS DO PROCESSO SUBJETIVO QUE APROXIMAM O SUJEITO DE QUEM É NA INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA.	28
4 PONTO DE CHEGADA: EXPERIENCIANDO A PRÓPRIA PESQUISA - CONSIDERAÇÕES QUE NÃO SÃO FINAIS.	65
REFERÊNCIAS	70
ANEXO A - Termo de Consentimento Informado	74
ANEXO B - Instrumento de Pesquisa: Entrevista Semiestruturada	75

1 PONTO DE PARTIDA: INTERAÇÕES EM SI, DA LETRA FRIA DA LEI Á INTEIREZA DO SER E ESPIRITUALIDADE - CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA.

O lidador jurídico assim ao mesmo tempo reflexivo e intuitivo somente concilia o Direito legislado com a vida vivida porque antes disso se concilia consigo próprio.

Carlos Ayres Brito, Ministro do STF.

Ao iniciar este trabalho de pesquisa, antes de buscar as respostas no outro, não poderia deixar de olhar para mim. Para compreender o que me orientou até onde estou e me localizar no espaço/ tempo do aqui-agora, reexaminei o pressupostos das minhas escolhas em um processo autorreflexivo, com um olhar retrospectivo e prospectivo da minha trajetória pessoal-profissional, buscando evidenciar as práticas formativas, aprendizagens e experiências de vida.

A dinâmica desse processo visou identificar na minha trajetória de formação vivências que se transformaram em experiências fundadoras e que pudessem desvelar pelo meu próprio itinerário se existia certa coerência interna com a pesquisa ora desenvolvida. Na busca de sentido no itinerário da minha singular caminhada, articulei os ciclos da minha vida, refiz os laços comigo mesma em ligação com o outro e o meio, numa pluralidade de registros autônomos e interdependentes.

Nesse processo autointerpretativo crítico de tomada de consciência da relatividade social, histórica e cultural dos meus referenciais constitutivos da dimensão cognitiva da minha subjetividade, busquei o fio condutor que orientou a minha formação originária, graduação em Direito (1988- PUCRS), a especialização em Ciências Penais (2005 – PUCRS) e que me trouxe até a formação no curso de Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Para melhor esclarecer esse fio condutor que me guiou até aqui, transcrevo parte do excerto do memorial por mim apresentado durante o processo de seleção de ingresso no Programa:

Ingressei na faculdade de Direito da PUCRS no ano de 1983. Durante o curso foi se delineando meu caminho profissional, resultado da formação humanista. Foi muito gratificante que no ano da minha formatura, em 1988, com o advento da Constituição, foram erigidos a garantias constitucionais princípios protetivos dos acusados que sempre nortearam a minha instrução acadêmica. Iniciei a advocacia dedicando grande parte do trabalho a assistência judiciária gratuita na área de direito de família. Em 1994 assumi uma função pública de assessora jurídica que exerci por 10 anos e atualmente presto consultoria jurídica. Paralelamente a minha carreira profissional, tenho atividades que desenvolvem a minha sensibilidade e criatividade, tendo no ano de 1996 lançado um livro de poesias: Palavras Mágicas, que na época fez parte de uma coletânea poética.

Cumpre transcrever mais um trecho, para maior esclarecimento:

Durante a minha trajetória de vida sempre desenvolvi alguma forma de arte, atualmente me dedico à vivificação floral japonesa, a ikebana. A técnica floral que aplico é da Academia Sanguetsu, idealizada no Japão por Mokiti Okada que nos idos da década de 40 já ensinava que o contato com uma obra de arte desperta a sensibilidade e proporciona a elevação espiritual. Tenho um entendimento sobre a espiritualidade neste sentido, compreendo de uma forma abrangente que diz respeito a tudo, como uma forma integradora de olhar o mundo e refletir sobre o significado de tudo que nos envolve. Foi durante o curso de Especialização em Ciências Penais, ao conhecer o novo paradigma da transdisciplinaridade, que vislumbrei a possibilidade de integrar esta maneira diferente de olhar e vivenciar a realidade com sensibilidade e criatividade na atividade profissional.

O excerto do memorial acima transcrito retrata muito aquilo que eu sou. Credito a essa minha maneira de ser e ver o mundo a determinação de buscar a educação continuada como autoformação, e isso fez com que estivesse numa posição de abertura e total entrega ao universo. Conforme a visão quântica de Lima (2006), a minha realidade interna criou a externa e as ondas de possibilidades se converteram em objetos reais. Foi quando, dentre as múltiplas possibilidades e distintas probabilidades, na procura de informações a respeito de mestrado em ensino superior via internet, selecionei o Programa de Pós-Graduação desta Faculdade e me deparei com a disciplina oferecida - Seminários Avançados de Ensino (SAE) - Espiritualidade: desafio da inteireza do ser para além do profissional, e de imediato fiz a matrícula como aluna especial.

Esse semestre que cursei a disciplina como aluna especial, foi muito gratificante, porque encontrei amparo acadêmico para o entendimento que tinha da dimensão espiritual. O

aprofundamento do estudo sobre espiritualidade e inteireza do ser, em especial a leitura de Wolman (2001) foi muito significativa, pois o autor sustenta que a consciência espiritual é inerente ao ser humano, afirma que a espiritualidade não é uma consciência etérea e sobrenatural, relegada a outro nível ou plano de existência, os reflexos têm implicações na vida diária, ao fato de estar vivo, permeiam a nossa percepção do mundo em um contexto maior de significado.

No semestre seguinte, em 2007, já estava matriculada como aluna regular aprovada na seleção do curso de formação do Mestrado no referido Programa. Foi quando comecei a fazer parte do Grupo de pesquisa Educação para a Inteireza: um (re)descobrir-se. Este grupo de pesquisa é originário dos Seminários Avançados de Ensino (SAEs) oferecidos no PPGE/PUCRS, em nível de Mestrado e Doutorado que desde 1999 segue aprofundando estudos sobre Espiritualidade e suas implicações no campo da Educação.

O grupo foi criado em 2002, com o objetivo de aprofundar estudos sobre a existência e a importância da Inteligência Espiritual na constituição da Inteireza do Ser, numa proposta de desvelar referenciais que delineiem assim novos rumos para a Educação. Desde então vem desenvolvendo pesquisas, tendo eu participado da pesquisa denominada - O Despertar da Inteireza: um pensar ousado, uma prática integrada para a importância e significado da vida humana na gestão educacional de pessoas (2006-2008), contemplada com bolsa FAPERS/CNPq. Participei da pesquisa realizada em sua segunda etapa na UNIRITTER (2007), uma das três Universidades (PUCRS, UNIRITTER, UFRGS) em que o projeto foi desenvolvido. Neste ano estão realizando a pesquisa na UFRGS.

Pessoalmente, analisando minha trajetória, percebo que as transformações em mim ocorridas até então foram formativas, as tomadas de decisão no âmbito individual são resultantes de uma ação socioambiental que concomitantemente numa circularidade repercute no ambiente social. Depois de quase de vinte anos, resolvi voltar a estudar e a escolha de cursar a Especialização em Ciências Penais no programa de Pós Graduação da Faculdade de Direito da PUCRS foi uma retomada do fio condutor de estudo do processo penal que havia deixado perdido desde a época de minha graduação em 1988. Hoje ao olhar para trás, resta claro que esta retomada dos estudos, aos 40 anos de idade, ocorreu justamente numa fase de profundo questionamento do sentido que estava dando a minha vida, tanto profissional, como pessoal. Foi um momento importante de fortalecimento dos meus

referenciais existenciais e tomada de decisão de que, daquele momento em diante iria buscar, por meio da formação, minha autoformação com realização pessoal e consequente aperfeiçoamento profissional.

Durante o transcurso da especialização, em decorrência das leituras realizadas sobre o pensamento complexo de Morin (2000) e transdisciplinaridade, em especial Nicolescu (1999), percebi que era possível integrar a minha maneira de ser e vivenciar a realidade com sensibilidade e criatividade na atividade profissional como um todo que se abre ao sagrado. Nessa direção Nicolescu (1999, p.74) defende que: “*A realidade engloba o sujeito, o objeto e o sagrado*”. O sagrado entendido como presença do ser no mundo, origem última de nossos valores e que concilia a ciência e a consciência.

A transdisciplinaridade abre um espaço de diálogo entre os diferentes saberes que se dá no cruzamento do plano vertical e horizontal, retoma o sentido da verticalidade do ser humano no mundo que até então era olhado sob a dimensão horizontal, tendo dele sido excluído o espírito e o mundo divino, inter cruzando as tradições de sabedoria do oriente com a ciência contemporânea do ocidente. Os desafios dos tempos atuais exigem do profissional não apenas o conhecimento sólido do conteúdo da área em que é especialista, mas um repensar de sua concepção de educação e de aprendizagem, seu sistema de valores, visão de mundo e modo de viver. Neste sentido a chancela do Ministro do Supremo Tribunal Federal Ayres Brito (2007, p.75):

Por outro modo de dizer as coisas, sem afetividade *a andar de braços dados* com a inteligibilidade não se chega ao ponto ômega da consciência e aí já não se tem a garantia da efetividade do Direito-justo. Quer o Direito-justo a desatar dos comandos adjetivos ou processuais (sobretudo as chamadas garantias constitucionais do processo), quer o Direito-justo a desabrochar dos preceitos substantivos ou materiais (especialmente os rotulados de “direitos fundamentais” pelas próprias Constituições positivas). Esse o caminho para se fazer da melhor regração em tese a melhor experiência cotidiana. Para relacionar por modo holístico (unitário portanto) o dever-ser do Direito legislado e o ser das concretas decisões judiciais.

É imprescindível a abertura do pensamento linear para a superação da visão fragmentária, compreensão da complexidade do mundo presente e a própria compreensão do sentido da vida. A racionalidade reconheceu o homem como sujeito epistêmico, mas renegou-o como sujeito empírico, em nome do rigor científico da ciência moderna. O conhecimento objetivo não admite juízo de valor, por isso a dicotomia entre sujeito e objeto.

Porém, a distinção epistemológica é paradoxal, uma vez que o objeto de estudo é tão homem quanto o sujeito; sendo assim, fez uso de metodologias de pesquisa de distanciamento ou de aproximação.

A distinção dicotômica entre sujeito e objeto começou a ser questionada nas ciências sociais, passando as ciências naturais quando o desenvolvimento do conhecimento materialista desencadeou o avanço tecnológico desordenado usando a exploração da natureza como veículo de exploração do próprio homem. A reação de conhecimento idealista reconheceu a natureza com os estudos na área da Biologia, Microfísica e Astrofísica.

Foi nas Ciências Físico-Naturais, com a Mecânica Quântica que se deu o anúncio do retorno do sujeito ao ficar demonstrado que o ato de conhecimento e o produto de conhecimento eram inseparáveis.

Santos (2002, p.52), há mais de duas décadas, ao abordar a questão de que todo conhecimento científico é autoconhecimento afirmou: “ *Os pressupostos metafísicos, os sistemas de crenças, os juízos de valor não estão antes nem depois da explicação científica da natureza ou da sociedade. São parte integrante dessa mesma explicação*”. E sustentou que: “*A explicação científica dos fenômenos é autojustificação da ciência enquanto fenômeno central de nossa contemporaneidade. A ciência é, assim, autobiográfica*”. Merece destaque a transcrição seguinte do mesmo autor (2002, p.53):

Hoje sabemos ou suspeitamos que as nossas trajetórias de vida pessoais e coletivas (enquanto comunidades científicas) e os valores, as crenças e os prejuízos que transportam são a prova íntima do nosso conhecimento, sem o qual as nossas investigações laboratoriais ou de arquivo, os nossos cálculos ou nossos trabalhos de campo constituiriam um emaranhado de diligências absurdas sem fio nem pavio. No entanto, este saber, suspeitado e insuspeitado, corre hoje subterraneamente, clandestinamente, nos não ditos dos nossos trabalhos científicos.

Mais recentemente, Santos (2002), ampliou e aprofundou a questão. Quando aborda a Epistemologia das estátuas quando olham os pés: a ciência e o direito na transição paradigmática, sustenta que: “*A ciência moderna não é a única explicação possível da realidade. Nada há de científico na razão que hoje nos leva a privilegiar uma forma de conhecimento baseada na previsão e controle dos fenômenos. No fundo trata-se de um juízo de valor.*” (SANTOS, 2002, p.84). Afirma que a distinção entre sujeito e objeto é fruto da

incapacidade de estabelecer relação com o outro, corresponde à ignorância e ao colonialismo, por isso transforma-o em objeto.

Ressalta, o mesmo autor (2002, p.83), que “ *O saber enquanto solidariedade visa substituir o objeto-para-o-sujeito pela reciprocidade entre os sujeitos*”. Defende que o caráter autobiográfico do conhecimento-emancipação é assumido como: “ *um conhecimento compreensivo e íntimo que não nos separe e antes nos une pessoalmente ao que estudamos.*” ((SANTOS, 2002, p.84). Sustenta que os protagonistas da própria revolução científica tinham consciência de que suas convicções pessoais mantinham coerência com os estudos que desenvolviam, citando o próprio Descartes, onde o autor do Discurso do método, afirmou que iria mostrar o caminho que seguiu, estando sua vida ali representada, tal qual um quadro em exposição. Neste sentido, Freire (2007, p.32) corrobora, merecendo transcrição:

A curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere alerta faz parte integrante do fenômeno vital. Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos.

O caráter autobiográfico, autorreferencial do conhecimento que não separa, mas unifica sujeito e objeto, é enfatizado também por Morin (1997, p.19):

Um livro importante revela-nos uma verdade ignorada, escondida, profunda, sem forma que trazemos em nós, e causa-nos um duplo encantamento, o da descoberta de uma verdade exterior a nós, e o da descoberta de nós mesmos em personagens diferentes de nós.

A autoformação, sob este ponto de vista, tem relação com o conhecimento de si próprio, para tanto há que deixar emergir o ser que responde à pergunta inquietante – Quem sou eu?

A essência está no silêncio profundo do ser, a caixa do tesouro pode estar trancada e a chave que ora possuímos, por vezes não contém o segredo para abrir. Porém, cada um possui em si mesmo a capacidade latente e, no momento certo, vai deixar emergir da quietude à habilidade necessária para compreender a si mesmo e encontrar as respostas de suas inquietações.

Pineau (1988) considera a autoformação numa perspectiva de autonomização educativa, como a apropriação do próprio poder de formação que cada um tem de regular, orientar e gerir seu processo educativo. No texto a Autoformação no decurso da vida afirma que a autoformação é uma terceira força de formação dependente da heteroformação, ação dos outros e a do meio ambiente, a ecoformação. Seguindo por essa linha, o que mais se coaduna com aquilo que por ora entendo como autoformação, ressalvada a consciência do ser em construção no processo de aprendizagem e o momento em que me encontro aqui e agora é o entendimento de Pineau (1988, p.77):

A autoformação nas suas fases últimas corresponde a uma dupla apropriação do poder de formação; é tomar em mãos este poder - tornar-se sujeito. Mas é também aplicá-lo a si mesmo: tornar-se objeto de formação para si mesmo. Esta dupla operação desdobra o indivíduo num sujeito e num objeto de um tipo muito particular, que podemos denominar de autorreferencial. Este desdobramento alarga, clarifica e aumenta as capacidades de autonomização do interstício, do intervalo, da interface entre a hetero e a ecoformação que é, a princípio, o indivíduo. Cria-se um meio, um espaço próprio, que oferece ao sujeito uma distância mínima que lhe permite tornar-se e ver-se como objeto específico entre os outros objetos, diferenciar-se deles, refletir-se, emancipar-se e autonomizar-se: numa palavra, autoformar-se.

Sob este aspecto, a autoformação é um aprendizado com significado, é significativa porque desperta o interesse não com o sentido egocentrado, é algo maior, o signo que impulsiona e move tem relação com o sentido e propósito da vida e a própria essência do ser. Neste sentido, cumpre transcrever as precisas palavras de Rogers (1997, p.322):

Por aprendizagem significativa entendo uma aprendizagem que é mais do que uma acumulação de fatos. É uma aprendizagem que provoca uma modificação, quer seja no comportamento do indivíduo, na orientação futura que escolhe ou nas suas atitudes e personalidade. É uma aprendizagem penetrante, que não se limita a um aumento de conhecimentos, mas que penetra profundamente todas as parcelas da sua existência.

Para Galvani (2002) a autoformação é um processo paradoxal que se alimenta de suas dependências, é constituída pela tomada de consciência e de retroação sobre as influências heteroformativas e ecoformativas. Esse triplo movimento de tomada de consciência e de tomada de poder da pessoa sobre sua formação parece ser a base de uma definição conceitual da autoformação. Não é possível pensar a autoformação sem articular o acoplamento interativo pessoa/meio ambiente e a tomada de consciência reflexiva. A autoformação se declina então em três processos de retroação: retroação de si sobre si (subjetivação), retroação

sobre o meio ambiente social (socialização) e retroação sobre o meio ambiente físico (ecologização).

Na busca por conhecimento, o encontro é consigo mesmo, autoformação, essa relação com a dimensão do ser traz em profusão o questionamento da própria abordagem da vida: - qual o sentido e a finalidade que se está dando à vida? - qual é a parcela de cada um na produção e na construção significativa do conhecimento? A pergunta inquietante relativamente ao meu próprio percurso de formação, é a autojustificação ao desenvolvimento da pesquisa - Espiritualidade e inteireza do ser: um processo de autoformação na investigação científica.

Assim, ao reexaminar os pressupostos das minhas escolhas em um processo autorreflexivo, com um olhar retrospectivo e prospectivo da minha trajetória pessoal-profissional, evidenciadas as práticas formativas e aprendizagens, concomitantemente com a contextualização do tema, usando a linguagem jurídica que me é peculiar transmutada para educação, mas mantendo o mesmo sentido, busquei identificar todo e qualquer indício e vestígio que torne possível evidenciar aprendizagens que tenham relação com a pesquisa - Espiritualidade e inteireza do ser: um processo de autoformação na investigação científica.

Diante do exposto, acredito que, usando uma expressão do direito, existe certa verossimilhança entre minha singular caminhada e a presente pesquisa que são bastantes para justificar a questão problema:

- Como as experiências formadoras de mestres e doutores se desvelam na investigação científica?

Para o desenvolvimento da pesquisa foi delimitado um objetivo geral que visou identificar as experiências formadoras de mestres e doutor que desenvolveram pesquisas no âmbito da dimensão espiritual e da inteireza do ser no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Considerando a questão problema e tendo como meta alcançar o objetivo geral foram determinados os seguintes objetivos específicos:

- a) identificar, nas narrativas de histórias de vida dos sujeitos entrevistados, relatos que pela força de significação foram incorporados como experiências formadoras, sob o ângulo da aprendizagem;
- b) analisar como as experiências formadoras se exteriorizaram durante o processo de formação dos entrevistados;
- c) analisar como as experiências formadoras se desvelaram em suas próprias pesquisas científicas, dissertações e tese.

Estabelecidos esses parâmetros, o caminho percorrido foi delineado pelas questões norteadoras da pesquisa e seguiu os critérios da abordagem metodológica adotada a partir dos encontros realizados entre o sujeito pesquisador e os sujeitos pesquisados que serão examinados a seguir.

2 CAMINHO PERCORRIDO: ENCONTROS ENTRE SUJEITO PESQUISADOR E SUJEITOS INVESTIGADOS - PASSOS DA ABORDAGEM METODOLÓGICA.

Para penetrar no mundo pessoal dos sujeitos investigados, mestres e doutor do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e trabalhar no universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores, atitudes e comportamentos foi utilizada a abordagem da pesquisa qualitativa.

De acordo com Minayo (2002), a pesquisa qualitativa se preocupa com o nível de realidade que não pode ser quantificado, trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações e atitudes, correspondendo a um espaço mais profundo das relações e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Conforme Bogdan; Biklen (1994), para uma maior compreensão do comportamento e experiência humana, a pesquisa qualitativa busca entendimento na observação empírica de eventos concretos. Assim, complementa Engers (1994, p. 66), a perspectiva é “ *penetrar no mundo pessoal dos sujeitos, buscando a compreensão, o significado particular da ação das pessoas*”.

As questões norteadoras da pesquisa foram propostas com a intenção de compreender se o processo individual e subjetivo de autoformação aproxima o sujeito- pesquisador de quem é, e se suas experiências fundadoras hologramaram o rumo de suas pesquisas científicas. A reflexão foi centrada no momento presente como uma forma de experienciar o que foi vivido durante o processo de formação. Como parâmetro foram elencadas as seguintes questões:

1. Quais fatos marcantes que, pela força de significação, influenciaram os rumos de sua vida?
2. Como esses fatos repercutiram em tomadas de decisão reveladoras de posições existenciais?
3. Identifique o fio condutor de sua trajetória de vida que se manteve presente durante o período de formação do mestrado/doutorado.

4. Durante a sua formação, quais as vivências que se transformaram em experiências fundadoras sob o ângulo da aprendizagem?
5. Na sua trajetória de vida, que valores, referenciais, ideários, experiências fundadoras demonstram certa coerência interna com o tema da pesquisa realizada no mestrado/doutorado?
6. Por que escolheu trabalhar o tema espiritualidade/inteireza do ser?
7. Como experienciou este momento da entrevista, autorreflexão retrospectiva e prospectiva da sua vida? Por quê?
8. Considera a reflexão como uma forma de experiência em si? Por quê?
9. Depois desta entrevista, da autorreflexão, da partilha, considera o tempo presente como fonte de experiência? Por quê?

Na seleção dos sujeitos de pesquisa para investigação, foi usado o critério intencional, sendo escolhidas cinco (5) pesquisas: (4) dissertações e (1) tese na área de educação do PPGE/PUCRS, estruturadas por participantes do Grupo de Pesquisa - Educação para a Inteireza: um (re)descobrir-se, nos eixos:

- a) Inteligência Espiritual: Parte da reflexão inicial das noções de Inteligência e de Espiritualidade como dimensões complementares tendo, como pano de fundo, a cultura de separação, dualidade e fragmentação que descarta a dimensão da unidade original e inerente ao ser humano- Dimensão Espiritual;
- b) Inteireza do Ser: Estuda elementos constitutivos da abordagem integral do ser humano que auxiliam o autoconhecimento e propiciam a autoformação, reconhecendo em si o Ser de Inteireza que todos têm o potencial de vir-a-ser.

Intencionalmente, dentre as pesquisas selecionadas nessas temáticas do Programa, estão a primeira dissertação de mestrado e a primeira tese de doutorado:

1. Inteligência Espiritual Ampliada e Prática Docente Bem Sucedida: uma tessitura que revela outros rumos para a Educação (2003);
2. O desenvolvimento do ser humano na sua inteireza: uma proposta educativa possível (2005);
3. A educação como processo do traduzir-se: o (re)descobrir da inteireza do ser. (2005);
4. Desvelando o perfil de espiritualidade: elo propulsor para ampliação dos propósitos e objetivos de vida (2006);
5. Educação continuada: um olhar para além do espelho, iluminando mente, corpo, coração e espírito do docente da educação superior (2006).

Salienta-se que pelos títulos enumerados pode ser verificada a autoria das respectivas dissertações e tese, porém para o desenvolvimento da presente pesquisa a identidade das falas dos sujeitos pesquisados está salvaguardada em conformidade com o termo de consentimento firmado entre as partes.

O instrumento de coleta de dados escolhido para buscar informações sobre as vivências significativas incorporadas como experiências formadoras, analisar a maneira de ser e estar no mundo e compreender o respectivo processo de autoformação dos sujeitos investigados foi a entrevista semiestruturada, delineada pelas questões norteadoras da pesquisa, visando alcançar os objetivos estabelecidos na pesquisa para compreensão da questão problema. Os encontros entre sujeito-pesquisador e sujeitos da pesquisa ocorreram de forma presencial e individual, em conformidade com o termo de consentimento assinado, sendo as entrevistas gravadas, posteriormente transcritas e analisadas. A intenção de usar a forma de entrevista foi no sentido de propiciar aos sujeitos investigados a reflexão centrada no momento presente como uma forma de experienciar o que foi vivido durante a formação no mestrado e doutorado

Especificamente, em decorrência da minha formação originária em Direito, tenho a peculiaridade de não me atrelar à exegese tão somente, pois a mera interpretação da letra fria da lei não é suficiente; é necessário utilizar a hermenêutica para determinar o sentido e o

alcance das expressões do Direito. Cumpre trazer o entendimento de Maximiliano (1961, p.13) da hermenêutica no âmbito do direito: “*Hermenêutica jurídica tem por objeto o estudo e a sistematização dos processos aplicáveis para determinar o sentido e o alcance das expressões de direito*”.

Como consequência, a metodologia escolhida para análise dos dados foi a análise textual discursiva de Moraes (2007), uma vez que é uma opção de análise de pesquisas qualitativas com enfoque hermenêutico.

No dizer de Moraes (2007), a interpretação na análise textual discursiva é no sentido de uma construção ou reconstrução teórica com uma visão hermenêutica de ressignificação, partindo da perspectiva dos sujeitos envolvidos na pesquisa, de compreensões sociais e culturais em um movimento dialético entre o todo e as partes relativamente ao fenômeno que investiga. Salienta que tal perspectiva pressupõe conhecimentos tácitos e teorias implícitas do pesquisador que possibilitam o surgimento de teorias emergentes originadas das manifestações dos sujeitos da pesquisa.

O processo de análise, de acordo com a metodologia da análise textual discursiva de Moraes (2007), partiu dos materiais submetidos à análise. O material que compõe o “*corpus*” da pesquisa é o resultante das entrevistas dos sujeitos investigados que foram devidamente transcritas e configuradas em documentos escritos. Procedeu-se à leitura, envolvendo a própria subjetividade do pesquisador ao interpretar os textos, identificar e destacar enunciados significativos em um processo denominado de unitarização. Seguiu-se para a categorização que é a organização do material anteriormente classificado em unidades de análise. As unidades de análise foram destacadas sob a perspectiva das questões norteadoras da pesquisa que têm como objetivo identificar, nas narrativas de histórias de vida de mestres e doutor entrevistados, relatos que, pela força de significação, foram incorporados como experiências formadoras, sob o ângulo da aprendizagem; analisar como se exteriorizam durante o processo de autoformação e compreender como se desvelam na pesquisa científica. A unitarização e a categorização encaminham o metatexto. No metatexto foi descrita a categoria que emergiu do objeto de estudo e resultou em um grande enunciado emergente, seguido da teorização que é a interlocução empírica e teórica. Conforme expressa Moraes (2007, p.166), “*A metodologia da Análise Textual Discursiva é um caminho do pensamento do pesquisador*”.

A análise textual discursiva é composta de descrições, interpretações e argumentos integradores. O movimento recursivo entre esses elementos constitui a teorização da proposta a partir da pesquisa e pela qual novas explicações e compreensões são construídas e expressas. O descrever e o interpretar conjuntamente somam esforços para expressar a compreensão do fenômeno investigado; conforme Demo (2001), a extensão se descreve e a profundidade requer argumentação.

Os documentos que compõem o “*corpus*” da pesquisa estão repletos de significados identificados pelo pesquisador, o que remete a pensar no que Morin (2005, p.82) afirma: “ *Cada indivíduo é uno, singular, irreduzível. Contudo é ao mesmo tempo duplo, plural, incontável e diverso*”. A complexidade do ser humano permite reconhecer que ao mesmo tempo em que é múltiplo pela diversidade de idéias, concepções e aprendizagens, cada pessoa aprende, reage e responde ao mundo de forma diferenciada, faz parte de uma unidade.

O mesmo autor, ao discorrer sobre a unidade plural da identidade pessoal, aduz que os pais, os ascendentes estão presentes em cada ser, suas marcas estão nos genomas e a presença dessa multiplicidade de seres está identificada no modo do comportamento pessoal, nos hábitos mentais que sobrevivem além da morte da identidade. Sob o prisma da filosofia oriental, cada ser, em sentido amplo, é um elo da corrente que une os antepassados e as futuras gerações, formando uma existência individualizada no tempo, e em sentido restrito, equivale a uma peça como a cunha, destinada a firmar a ligação entre os pais e os filhos. Conforme ensinamento de Mokiti Okada (2003, p.109) “*representamos a síntese de centenas ou milhares de antepassados e existimos na extremidade desse elo*”. Assim, o ser humano carrega uma multiplicidade de seres em si, sendo pontual a poesia de Fernando Pessoa:

*...Como o panteísta se sente árvore e até a flor,
eu sinto-me vários seres.
Sinto-me viver vidas alheias, incompletamente,
como se o meu ser participasse de todos os homens, incompletamente de cada...*

A realidade é multidimensional e multireferencial e os diferentes níveis são acessíveis pela percepção: cada sujeito ressignifica de acordo com o que atribuiu em determinada situação que experienciou e a multireferencialidade decorre das diferentes percepções. De acordo com o percurso de vida, cada um faz a sua leitura do mundo, a partir de suas vivências, características pessoais e sociais, fazendo com que situações, mesmo semelhantes tenham

significados diferenciados. Um dos depoimentos corrobora esse entendimento: “*eu sou esse caldo de emoção, de razão, de espiritualidade, em todas as nossas áreas fogo, terra, ar e água*”.

Esclarece Randon (2000) que os níveis de realidade incluem a idéia de relatividade, cada nível existe em si mesmo e abrange outra percepção que ilustra a mesma realidade sob outro ponto de vista. Para compreender o outro e as complexas relações inseridas no contexto a que pertence, seja social ou no próprio processo subjetivo de autoformação, é preciso compreender a si mesmo. No âmbito do Direito, neste sentido o entendimento do Ministro Ayres Brito (2007, p.71): “*o lidador jurídico assim ao mesmo tempo reflexivo e intuitivo somente concilia o Direito legislado com a vida vivida porque antes disso se concilia consigo próprio.*”

No diálogo com a realidade em que os sujeitos pesquisados estão inseridos, surge a possibilidade de leitura e compreensão do livro que constitui suas vidas. Japiassu (1999, p.8) sustenta que os saberes emergem de uma determinada cultura e afirma que: “*Para o homem, o mundo é sua provocação, um lugar onde enfrenta desafios e testa experiências*”. Para tanto, torna-se imprescindível a abertura do pensamento linear, com a percepção do olhar que tudo vê e na sua essência desvele um estado de espírito flexível, uma maneira de ser mais aberta, capaz de apreender a complexidade, respeite o singular, ao mesmo tempo em que o insere em seu todo. Segundo o mesmo autor (1976, p. 82), a compreensão do ser humano em sua totalidade “*é fundamentalmente uma atitude de espírito, feita de curiosidade, de abertura, de sentido da descoberta, de desejo de enriquecer-se com novos enfoques, de gosto pelas combinações de perspectivas e de convicção levando ao desejo de superar os caminhos já batidos.*”

Neste mesmo sentido complementa Juarroz (2000) ao afirmar que é impossível compreender a menor das coisas sem ligá-la ao todo, pois para compreender uma só voz é preciso escutar todas as outras vozes. Os argumentos são fundamentados, tanto teórica como empiricamente, numa construção de autonomia, capaz de manifestar a própria voz no contexto de outras vozes. É um continuo vai-e-vem, entre idéias e retóricas, o pesquisador que antes se fez observador, faz-se sujeito integrante do conjunto de materiais coletados e absorvidos, numa fusão que não se sabe mais quem está falando. Tanto é assim que agora, enquanto escrevo, digito as palavras e ordeno as frases, percebo na minha maneira de ser

similitudes ora com um, ora com outro, dentre os cinco entrevistados, ou por outro lado reconheço em cada um aquilo que nos torna semelhantes.

Morin (2007, p.103) quando trata da ética de religação diz que “ O ser humano percebe o outro como um eu simultaneamente diferente e igual a ele. O outro partilha assim uma identidade comigo embora conservando sua diferença”.O pesquisador não é neutro ao entrar em contato com seu objeto de pesquisa, pois carrega em si todo o saber que o constitui como tal, pois é o pesquisador quem objetiva o estudo, na medida em que impregna-se do tema direciona-o de acordo como seu olhar e os diferentes modos de leituras.

O seguinte trecho da fala de um dos sujeitos entrevistados a respeito do seu trabalho confirma a impregnação entre o pesquisador e a própria pesquisa: “ *foi um mergulho em mim mesmo a partir das vivências dos outros, foi um processo de tu entender as pessoas como inteiras e falta expressão pra dar conta da riqueza.*” Sob este enfoque, o pesquisador não é imparcial, cumpre ao sujeito-pesquisador, ao interpretar, justamente o papel de tecelão que ao fiar vai entrelaçando os fios, buscando mediações e inclusões em si, tecendo relações para sua própria tessitura.

Para a construção do metatexto foi necessário manter o olhar no foco da pesquisa e ao mesmo tempo impregnado na visão do todo, como bem salienta um dos depoimentos: “ *depois da coleta de dados quando eu olhava aquilo tudo e agora o que eu faço com isso? A gente tem uma idéia, mas ela é aproximada e as vezes uma aproximação pequena do que tu tens pra fazer e de onde tu consegues chegar.*” Assim, o seguinte enunciado emergiu como uma grande categoria resultante da interpretação do teor das unidades de análise:

- A ação traz intrinsecamente a consciência potencial de experiências fundadoras do processo subjetivo que aproximam o sujeito de quem é na investigação científica.

A construção do metatexto foi encaminhada a partir dessa grande categoria que emergiu do objeto de estudo, sendo concomitantemente realizada a reconstrução teórica, o processo de análise e de interpretação. A teorização implicou a interlocução empírica e teórica, e corresponde às compreensões teóricas do pesquisador e dos sujeitos participantes da pesquisa.

3 A DINÂMICA DA ESPIRAL: O OLHAR DO PESQUISADOR E A VISÃO DOS TEÓRICOS ENRELAÇADOS COM AS FALAS DOS SUJEITOS INVESTIGADOS.

Conforme Moraes (2005) no metatexto realiza-se a reconstrução teórica a partir do processo de análise numa interlocução empírica e teórica das categorias emergentes. A unitarização e a categorização encaminham o metatexto que por intermédio de argumentos aglutinadores apresenta o argumento central. O primeiro passo do metatexto foi a descrição da categoria que emergiu do objeto de estudo. O segundo, foi a interpretação e reconstrução teórica a partir do processo de análise, ampliando teorias existentes ou construindo novas visões avançando na compreensão do fenômeno investigado.

A teorização implica a interlocução empírica e teórica, uma vez que são formas de validação da pesquisa. A teorização envolve teorias explicitamente assumidas ou de maneira tácita correspondem a compreensões teóricas existentes por parte do pesquisador e dos sujeitos participantes da pesquisa. O processo de análise textual discursiva é auto-organizado na medida em que o pesquisador expressa suas construções sobre o fenômeno que investiga integrando o comunicar com o aprender e o transformar.

A teorização emerge quando vai além dos olhares teóricos selecionados e aprofundados na pesquisa do fenômeno, estabelecendo uma visão que tudo vê, tecendo pontes e relações entre o próprio olhar do pesquisador, a visão dos teóricos entrelaçados com as falas dos sujeitos investigados, vislumbrando o fenômeno investigado inserido na sua autoformação. Assim, novas compreensões emergem da diferença de mundos dos sujeitos pesquisados, do pesquisador e o referencial dos teóricos, numa dinâmica da espiral de pensamentos.

As respostas dos sujeitos pesquisados que embasaram a categoria que resultou no enunciado - **A ação traz intrinsecamente a consciência potencial de experiências fundadoras do processo subjetivo que aproximam o sujeito de quem é na investigação científica** - foram oriundas das questões da entrevista semiestruturada.

Salienta-se que a organização das idéias do pesquisador, dos interlocutores teóricos e empíricos geraram novos conceitos que podem ter ficado implícitos nas entrelinhas do texto para ser interpretados pelo leitor, pois não é possível explicitar todos os sentidos que se

imprimem na escrita, demonstrando assim a incompletude. Neste sentido, antes de passar para a apresentação do enunciado emergente resultante da pesquisa que pretendeu responder à pergunta – Como experiências formadoras de mestres e doutores se desvelam na investigação científica, deixo para apreciação a seguinte poesia de minha autoria, escrita em 1987, que acredito condizente com o momento ora vivido e experienciado:

*Superficialidade, profundidade;
o espelho d'água, o fundo do lago.
Impressões que se fundem,
realidades distintas.
O espelho da alma
quando se deixa ver,
reflete aquilo que somos,
deixa transparecer o que escondemos.*

3.1. A AÇÃO TRAZ INTRINSECAMENTE A CONSCIÊNCIA POTENCIAL DE EXPERIÊNCIAS FUNDADORAS DO PROCESSO SUBJETIVO QUE APROXIMAM O SUJEITO DE QUEM É NA INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA.

A vida é o que fazemos dela. As viagens são os viajantes.
O que vemos não é o que vemos, senão o que somos.

Fernando Pessoa

No presente capítulo, propõe-se explicitar como o processo individual e subjetivo de autoformação aproxima o sujeito-pesquisador de quem é ao analisar os relatos de vida de cada um dos entrevistados, de maneira que seja possível vislumbrar - Como experiências formadoras de mestres e doutores se desvelam na investigação científica? Fazendo uso de excertos das entrevistas dos sujeitos pesquisados numa dinâmica conjunta com o referencial dos teóricos de uma maneira transdisciplinar, entendida a realidade conglobante entre o sujeito, o objeto e o sagrado, foram intercruzados ensinamentos da filosofia oriental em um processo de fusão com a perspectiva do pesquisador.

Na filosofia de Mokiti Okada (2003) existe um termo japonês *izunome* que significa manter-se no centro, é simbolizado pela cruz equilibrada, a linha *daijo* representa o aspecto horizontal da vida e a linha vertical *shojo* une o homem ao divino. Na presente pesquisa a intenção foi de buscar o pensamento oriental e trazer para mente ocidental aquilo que é universal, independente da tradição cultural ou religiosa, mantendo o espírito de *izunome*.

Revisitando experiências formadoras muito tempo antes de tornarem-se o que são hoje e questionando qual o fio condutor que forma, conforma, reforma e transforma cada ser, é possível entender a seqüência de fatos marcantes que pela força da significação influenciaram os rumos singulares e plurais das vidas de mestres e doutor entrevistados, bem como é uma forma de identificar onde cada um estava, onde está agora e para onde se encaminha. A riqueza e diversidade das respostas dos sujeitos investigados alicerçaram o enunciado emergente - **A ação traz intrinsecamente a consciência potencial de experiências formadoras do processo subjetivo que aproximam o sujeito de quem é na investigação científica** - conforme passo a analisar.

Ressalta-se que as perguntas dirigidas aos cinco entrevistados constam do instrumento de pesquisa em anexo. Cumpre esclarecer que o questionamento elencado na entrevista semiestruturada está ancorado na abordagem biográfica de formação de Josso (2004, p.47):

A narrativa de formação dita “biografia educativa” (Dominicé, 1982,1984; Josso,1986) permite, com efeito, trabalhar com um material narrativo constituído por recordações consideradas pelos narradores como experiências significativas de suas aprendizagens, da sua evolução nos itinerários socioculturais e das representações que construíram de si mesmos e do seu ambiente humano e natural.

Frise-se que a visão retrospectiva é uma presença atenta no agora com a intenção de extrair o que pode ter contribuído para sua própria formação e reconhecer os elos que deram forma ao ser que hoje cada um é. Para tanto, é importante trazer o entendimento de experiência formadora, da mesma autora (2004, p.48):

O conceito de experiência formadora implica uma articulação conscientemente elaborada entre atividade, sensibilidade, afetividade e ideação. Articulação que se objetiva numa representação e numa competência. É nesse ponto que convém ficarmos atentos à importância da escala com a qual está relacionada a experiência em questão.

Na entrevista, a disponibilidade de ouvir o outro para compreender o significado profundo do que está sendo dito e o que subjaz àquilo que foi expressado pelo sujeito investigado acrescenta, enriquece e transforma o sujeito pesquisador. Rogers (1983) corrobora para a abordagem biográfica da formação de Josso, embora sob outro viés, quando trata da abordagem centrada na pessoa e a questão da escuta ativa. O mesmo autor esclarece que não só na relação terapeuta-paciente, mas entre pais-filhos, professor-aluno, ou em qualquer relação: *“este tipo de escuta ativa e sensível é extremamente raro em nossas vidas. Pensamos estar ouvindo, mas muito raramente ouvimos e compreendemos verdadeiramente com real empatia”* (ROGERS, 1983, p.39).

Durante as entrevistas realizadas, a escuta desencadeou aprendizagens recíprocas. O sujeito investigado quando se sente ouvido, acolhido, aceito e considerado, suas respostas fluem e o fluxo de suas experiências internas propicia o crescimento tanto do entrevistado, quanto do sujeito pesquisador, vez que esse movimento de partilha ocasiona transformações em ambos. Conforme Rogers (1983, p.5), a escuta profunda *“é como ouvir a música das estrelas, pois por trás da mensagem imediata de uma pessoa, qualquer que seja essa*

mensagem , há o universal”. De acordo com o autor, aquilo que é pessoal é o que há de mais geral, uma expressão íntima encontra eco nas mais diversas pessoas “ *aquilo que há de único e de mais pessoal em cada um de nós é o mesmo sentimento que, se fosse partilhado ou expresso, falaria mais profundamente aos outros*” (ROGERS, 1983, p31).

Assim, o autor sinaliza a perspectiva singular-plural que ancora a dialética do eu e do nós presente nas narrativas de história de vida, no sentido de vislumbrar o universal e o geral, a história social a partir do singular e particular, da história individual. Neste sentido, complementa Morin (2005, p. 75) ao afirmar: “*cada indivíduo vive e experimenta-se como sujeito, essa unicidade singular é a coisa humana mais universalmente partilhada*”.

Dentre os sujeitos pesquisados, um entrevistado antes de responder à primeira pergunta (Quais fatos marcantes que, pela força de significação, influenciaram os rumos de sua vida?) avalia o momento em que se encontra e afirma “*se tu me perguntasses isso um tempo atrás, certamente seriam outros, porque a gente é como um rio, nunca é o mesmo*”. Este excerto em poucas palavras traz elementos capazes de descrever a ótica com que este sujeito visualiza a vida, como um movimento contínuo. O teor dessa fala aborda uma questão de fundo do filósofo grego Heráclito de que nada permanece estático, tudo flui tal qual a água de um rio. Afirmava o filósofo que não se pode entrar duas vezes no mesmo rio, na segunda a água não será a mesma e a própria pessoa estará diferente.

Os orientais abordam muito este aspecto. Merece citação o ensinamento da filosofia de Mokiti Okada (2003, p.58) que diz “ *Todas as coisas se movem. Tudo está em eterno movimento. Nós não somos os mesmos de ontem, nem mesmo o que fomos há cinco minutos atrás; o mundo de ontem não é o mesmo de hoje.*”

Damásio (2000) esclarece, sob o enfoque da neurobiologia, esta questão filosófica quando aborda a questão do transitório e do permanente no fluxo da consciência. Explicita que o *self* biográfico baseia-se no repositório de memórias de fatos significativos da biografia individual, propicia continuidade e uma aparente permanência, enquanto o *self* central é transitório, efêmero, renasce e continuamente é refeito, mas não muda, ao dispor que:

Nossas atitudes e nossas escolhas são, em grande medida, consequência da “ocorrência de individualidade” que os organismos preparam sob a inspiração de cada momento. Não surpreende, pois, que possamos variar e vacilar, sucumbir à vaidade e trair, ser maleáveis e volúveis. (DAMÁSIO, 2000p.288).

A seguinte fala de um dos sujeitos investigados expressa esse movimento: *“me considero uma pessoa flexível, tenho facilidade para me adaptar às mudanças, capacidade de fazer as voltas junto com a mudança, me transformando, nunca parei”*. A transitoriedade está na natureza das coisas, Varela (2000) ao bordar a experiência do agora como base da análise fenomenológica e a neurociência cognitiva afirma que a fonte principal do ato reflexivo é tomar consciência da experiência temporal como fluxo imanente. *“La temporalidad inmanente verdadera es la de las experiencias vividas mismas. Aquí llegamos a lo que puede percibirse correctamente como la segunda aporia de la temporalidad: la coexistencia de la permanencia y el cambio.”* (VARELA, 2000, p.344).

No mesmo sentido, Freire (2007, p.50) é bem categórico quando afirma *“na verdade, o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento.”*

O aspecto da mudança, transformação e flexibilidade trazida por este sujeito pesquisado especificamente vai permear todas as outras falas dos entrevistados, uma vez que a incerteza é o alicerce do pensamento complexo, ora assumido de forma mais explícita, ora mais sutilmente. Morin (2007, p.69) sentencia que *“ estamos condenados ao pensamento incerto, a um pensamento trespassado de furos, a um pensamento que não tem nenhum fundamento absoluto de certeza”*. Defende que sob certo aspecto a complexidade devido à multidimensionalidade e solidariedade tem aspiração pela completude. Por outro lado afirma que a complexidade tem a consciência de que não se pode escapar à incerteza.

O seguinte recorte da fala de um dos entrevistados retrata: *“eu faço um rolo só, a minha aula é assim, é o todo. Por outro lado quando eu penso nisso, quanto mais eu quero focar, eu vejo o quanto o todo me toma, como eu não consigo ser essa coisa fragmentada.”* Este aspecto remete ao desejo de inteireza salientado por Roger (1983) quando aborda a complexidade e as características das pessoas do futuro:

Estas pessoas não gostam de viver num mundo dividido em compartimentos – corpo e mente, saúde e doença, intelecto e sensação, ciência e senso comum, indivíduo e grupo, sanidade e insanidade, trabalho e lazer. Lutam pela totalidade da vida, onde o pensamento, o sentimento, a energia física, a energia psíquica, a energia térmica, estejam integrados à experiência. (ROGERS, 1983, p.130).

O pensamento complexo surgiu na lacuna do pensamento simplificador, integra o modo simples de pensar sem fragmentar, mutilar, reduzir, controlar e pretender dominar o real de forma unidimensional. Por muito tempo, o conhecimento científico seguiu o paradigma da simplificação dissipando a aparente complexidade dos fenômenos, porém, ao pretender revelar a ordem simples, desintegrou a complexidade do real. Distinto do pensamento disjuntivo que separa, isola e oculta, o pensamento complexo pretende articular, aspirando ao conhecimento multidimensional, reconhecendo a incompletude e a incerteza. O depoimento seguinte assim retrata:

Para dar aula eu não consigo fazer os meus planos de aula – hoje eu vou sentar e fazer meus planos de aula até lá 25 de outubro, não consigo, eu tenho que a cada dia que eu volto, repensar, encaminhar, não consigo fazer igual, a matéria é a mesma, a disciplina é a mesma, mas os alunos são diferentes. Não sou criativa para arrumar minha casa, para desenhar, para o lado artístico, não desenvolvi ainda, mas eu gosto de ser criativa quando escrevo e quando eu dou aula.

Descartes ao separar o sujeito pensante (filosofia) do objeto (ciência) e evidenciar o pensamento disjuntivo promoveu grandes progressos no conhecimento científico e na reflexão filosófica, mas isolou a Física, a Biologia e a Ciência do homem. O pensamento simplificador não concebe a conjunção do uno e do múltiplo, ou unifica anulando a diversidade, ou sobrepõe a diversidade sem conceber a unidade. É incapaz de conceber a complexidade da realidade antropossocial em sua microdimensão (ser individual) e na macrodimensão (humanidade planetária).

A idéia de complexidade já estava presente na dialética de Hegel, quando introduzia a contradição e a transformação na identidade. No século XIX, na microfísica e na macrofísica, na relação complexa entre observador e o observado, e mais ainda relativamente à partícula elementar que ora aparece como corpúsculo, ora como onda a complexidade já se fazia presente. Entretanto, somente com a cibernética a complexidade foi admitida na ciência, na relação com os fenômenos de auto-organização. O teorema de Gödel demonstra que num sistema formalizado de lógica matemática existe uma proposição que é indecidida e que o

torna incerto. Há correspondência entre a perspectiva da teoria do sistema aberto e o sistema cognitivo pela proposição indecisa do referido teorema.

A dualidade sujeito e objeto marcou a ciência ocidental, entretanto só existe objeto em relação a um sujeito, e um sujeito em relação a um meio ambiente objetivo, são indissociáveis mas livres, constitutivos um do outro, porém não resultam numa via unificadora e harmoniosa, pois não escapam à incerteza generalizada porque, assim como na microfísica o observador perturba o objeto, o objeto perturba a percepção do observador. É uma concepção aberta da relação complexa do caráter insuficiente e incompleto, desprovida de um princípio de decidibilidade tanto do sujeito, quanto do objeto. A complexidade não é apenas um fenômeno quantitativo relativamente as interações e interferências entre um número muito grande de unidades de um sistema auto-organizador que desafiam as possibilidades de cálculo, mas tem relação com o acaso, a incerteza, com certa mistura de ordem e desordem. Neste sentido o teor do depoimento deste entrevistado:

Não consigo ficar no quadradinho, no linear, eu não consigo ficar reta. Para algumas coisas eu me considero conservadora, mas, por outro lado, eu gosto muito do inusitado, do diferente; por exemplo, eu não gosto de sapato do senso comum, eu gosto de sapato diferenciado, cada um tem seu estilo, não sigo o padrão.

O pensamento complexo pretende resgatar a idéia da unidade complexa mais além do reducionismo e do holismo, liga o pensamento analítico-reducionista e o pensamento da globalidade numa dialetização, não destrói alternativas clássicas, não oferece solução monista como se fosse essência da verdade, mas os termos alternativos tornam-se antagônicos, contraditórios e ao mesmo tempo complementares numa visão mais ampla e aberta. O pensamento simplificador tem como base duas operações lógicas: a disjunção e a redução. Os princípios do pensamento complexo são de disjunção, de conjunção e de implicação. O princípio hologramático vai além do reducionismo que só vê as partes e do holismo que só vê o todo. Para Morin (2007), um todo é mais do que a soma das partes que o constituem; o todo é menor do que a soma das partes e é ao mesmo tempo mais e menos do que a soma das partes.

A própria idéia hologramática está ligada à idéia recursiva. O princípio da recursão organizacional rompe com a idéia linear de causa/efeito, tudo o que é produzido(efeito) volta-se sobre o que produz (causa) num ciclo autoconstitutivo, auto-organizador e autoprodutor que

está ligada, em parte, à idéia dialógica. O sistema auto-eco-organizador tem sua individualidade autônoma e dependente das trocas e relações com o exterior, o meio ambiente está em seu interior, abarca em si o ambiente externo. O princípio da auto-eco-organização tem valor hologramático. O princípio dialógico mantém a dualidade na unidade, associa dois termos ao mesmo tempo complementares e antagônicos

A existência do sujeito está ligada ao princípio de incompletude, o ser humano não se reduz à singularidade morfológica ou psicológica, mas um entrelaçamento de componentes múltiplos, além de um caráter existencial que leva em si a fragilidade e a incerteza da vida, da própria existência entre o nascimento e a morte. A noção de sujeito associa noções antagônicas, não é possível pensar o sujeito sem ambivalências, incompletudes, incertezas e insuficiências. Morin (2006) afirma que é ilusória a noção de estabilidade da identidade, porque conforme o humor, paixão, temos uma multiplicidade de personalidades. Outra característica do sujeito humano, está ligada à linguagem e à cultura, sendo a consciência de si inseparável da autorreferência e da reflexão. A noção de sujeito só tem sentido num ecossistema (natural, social, familiar, etc.), mais amplamente num mundo aberto (que o conhecimento não pode preencher) e deve ser integrada num metassistema, uma teoria em que o sujeito e o objeto possam integrar-se um ao outro. A seguinte fala retrata este aspecto:

Não tem como separar, a professora, a mãe , a filha; eu não consigo, e talvez esse seja um problema, porque, de certa forma, a gente foi criada para focar e eu fiz um esforço pra desfocar, a vida organizada é mais fácil, isso eu lido com a professora de português, isso com a de matemática, isso é no banco, na escola, no comércio.

Outra preliminar a ser enfrentada diz respeito à transdisciplinaridade, foi levantada de forma expressa por alguns sujeitos investigados, porém está implícita em todos os depoimentos dos entrevistados. Nicolescu (1999) dispõe que a finalidade da transdisciplinaridade é a compreensão do mundo presente, da complexidade, defende que qualquer disciplina pode ser animada pela atitude transdisciplinar, a metodologia permanece o que é, mas é fecundada pelo espírito transdisciplinar: “*Na base de todas as disciplinas, há um olhar transdisciplinar que lhes dá sentido dá sentido. Pois nas profundezas de cada disciplina encontra-se o sem-fundo daquilo que liga o sujeito e o objeto transdisciplinares*” (NICOLESCU,1999,p.125). O mesmo autor defende que:

A transdisciplinaridade, como o prefixo “trans” indica, diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina. Seu objetivo é a compreensão do mundo presente, para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento (NICOLESCU,1999,p.46).

No seguinte excerto, o entrevistado assim expressa:

Não consigo viver no paradigma, não consigo ter a mesa que eu trabalho organizada porque é naquela mistura de papel, no desorganizado que eu me encontro, na minha casa eu não consigo ter as coisas arrumadinhas na prateleira, eu tenho que estar no meio do todo para poder estar trabalhando.

Um dos precursores no estudo da interdisciplinaridade no Brasil, Japiassu (1976), defende a necessidade e a urgência na promoção do desenvolvimento no ensino e na pesquisa de um espírito transdisciplinar ou, pelo menos, de valorização dos conhecimentos interdisciplinares para uma reforma do pensamento e da educação. Segundo o autor, a interdisciplinaridade é algo a ser vivido, enquanto atitude de espírito:

A interdisciplinaridade é fundamentalmente uma atitude de espírito, feita de curiosidade, de abertura, de sentido da descoberta, de desejo de enriquecer-se com novos enfoques, de gosto pelas combinações de perspectivas e de convicção levando ao desejo de superar os caminhos já batidos. (JAPIASSU,1976, p. 82).

Sob este enfoque, a transdisciplinaridade é, simultaneamente, um *corpus* de pensamento, um estado de espírito, uma maneira de ser, uma visão e atitude em uma experiência vivida. Outro sujeito investigado enfatiza que:

Não foi à toa que eu fui para transdisciplinaridade: é que eu sou uma pessoa que está sempre enfiando uma coisa dentro da outra, eu relaciono a minha aula de metodologia de pesquisa com alguma coisa que eu vivenciei na meditação da yoga e tem a ver com algo do meu dia- a- dia, por exemplo o meu aquecedor de passagem que estragou etc.

Japiassu (1999) sustenta que os saberes emergem de uma determinada cultura e a abertura de espírito permite tomar consciência da relatividade destes saberes: “ *Para o homem, o mundo é sua provocação, um lugar onde enfrenta desafios e testa experiências. Por isso, em seu processo de aprendizagem, deve exigir que seja dada tanta importância à compreensão quanto à produção do saber*” (JAPIASSU, 1999, p.8). Segue neste sentido a fala do seguinte entrevistado:

Eu saí do sistema, a escola está atrelada a políticas e eu ficava tolhida de criar. Eu sempre fui uma professora totalmente diferente do tradicional eu nunca quis ser tradicional, queria ser o diferente, marcar a diferença, propor experiências novas, nunca tive medo de mudança, na minha vida foram várias mudanças. Isso também é uma característica, esse valor de mudança é muito forte.

Ultrapassadas essas questões de fundo preliminares, transformação, mudança, inacabamento, incompletude, incerteza, complexidade e transdisciplinaridade, passo à análise e interpretação das respostas que emergiram da primeira questão da entrevista semi-estruturada, constante do instrumento de pesquisa em anexo. Um dos entrevistados não elenca fatos significativos que tenham influenciado os rumos de sua vida, considera marcante a influência da família como um todo “*no percurso da vida, de certa forma a gente traz aqueles valores de onde a gente foi criado, aquilo que foi se ratificando ou se retificando na medida das experiências*”.

Analisando os depoimentos verifica-se que a maioria dos entrevistados tem a mãe como uma referência forte e definidora. No seguinte excerto do depoimento de um dos sujeitos investigados o entrevistado afirma que tem uma alma de pesquisador e atribui essa característica à influência materna que, enquanto educadora, incentivava os filhos irem em busca de respostas:

Sempre corri muito atrás de respostas que me dissessem quem eu sou e o que eu estou fazendo aqui, qual é o meu papel nesse filme; sempre acreditei, antes por uma religiosidade imposta familiar, a questão católica, que todo mundo tinha uma missão e então eu achava que ninguém passava em branco, ninguém passava sem deixar uma marca, ninguém conseguia ter uma neutralidade, isso não importava se ia repercutir num oscar, no lançamento de um livro ou para tua vizinha do lado e, no meu caso, para um grupo de alunos. Essa inquietação é uma herança materna.

Um dos sujeitos investigados tem a mãe e o pai como referências, declara que a figura paterna tem uma forte influência em virtude do fato de sua origem ser humilde e ter vencido na vida como empresário sem ter completado o ensino fundamental. Aponta, como uma característica significativa do pai, a força vital, enfatiza que ele “*passou por um câncer e conseguiu superar*”. Por outro lado, afirma que tem a mãe como modelo, certinha, organizada e acredita que esses dois lados são complementares:

Eu tenho o jeito empreendedor do meu pai de crescer, batalhar, acreditar, vencer o impossível. Junto com isso tem o outro lado da minha mãe, de fazer correto, adequado, bonito, perfeito, com valores, ética, moral, respeito ao outro, de cumprir a palavra, do horário, estas questões sempre estiveram muito presente na minha vida.

Com mais ênfase do que os demais entrevistados, outro sujeito investigado aponta a maternidade como fator marcante em sua vida. Considera a maternidade uma questão muito significativa na relação com o filho, assim afirmando:

Isso sempre foi uma coisa importante quando eu olhava pra minha vida e dizia - o que eu vim fazer aqui ? Dizia tenho plena certeza que eu vim pra ser mãe, mas eu não vim pra ser aquela mãe que é uma abnegada, se desvencilha da sua própria vida pra viver a vida do filho, não é essa a minha idéia de mãe, mas sem dúvida filho é uma coisa que modifica toda a existência da gente não tem como tu ser a mesma depois de ser mãe.

Este sujeito investigado faz uma relação entre a maternidade e o ser professor na experiência que tem ao trabalhar com ensino médio, por entender que nessa faixa etária a relação é de crescimento mútuo: *“o professor caminha junto, de certa forma orienta, segura as pontas faz a rede de proteção, está ali pra fazer esse papel. Tenho experiências com alunos que lá pelas tantas do nada, eles estão me contando a vida, pedindo orientação”*.

Outro entrevistado, enfatiza o período da gravidez, relata que durante o primeiro ano da pedagogia engravidou, declara que *“a gravidez deu uma segurança maior, mais facilidade pra aprender, foi quando eu desabrochei”*. Os demais sujeitos da pesquisa elencaram fatos ocorridos na infância, adolescência e na maturidade como significativos. Como bem salienta um entrevistado no seguinte excerto *“teria que começar pra te responder isso voltando um pouco no tempo”*. A fala deste sujeito pesquisado retrata o que Josso (2004) defende quando aborda a questão da importância de observar o valor atribuído ao que é vivido na continuidade temporal de perceber que algumas vivências têm uma intensidade maior, para tanto se exige *“um certo trabalho reflexivo sobre o que se passou e sobre o que foi observado, percebido e sentido.”* (JOSSO, 2004, p.48).

Este entrevistado em seu depoimento relata que quando era adolescente fazia parte de um grupo de voluntários que prestavam assistência aos jovens. Disse que considera este fato significativo porque sentia-se muito bem sendo útil de alguma forma, merecendo destaque a expressão que usou *“isso me gratificava muito, me enchia a alma”*. A riqueza de trabalhar

com narrativas de histórias de vida é perceber a singularidade da trajetória de cada sujeito investigado que, ao mesmo tempo, se torna plural ao observar que todos os investigados, de alguma maneira, apontaram a questão da opção religiosa e a espiritualidade como fato significativo. Determinado entrevistado enfatiza que a busca pela espiritualidade diante da opção familiar pela religião católica foi o primeiro fato marcante, ainda na adolescência:

Eu não conseguia conceber o catolicismo como um final em si, ficavam muitas lacunas, muitas coisas sem respostas, isso me incomodava demais e a minha mãe dava essa abertura, então eu circulei pelo espiritismo, umbanda, as religiões orientais, sempre na procura disso.

Outro sujeito investigado, esclarece que quando era adolescente morava em uma cidade do interior e costumava ir à missa aos domingos por dois fatores:

Para cumprir aquele ritual e o outro para buscar alguma resposta, como a gente diz conversar com Deus, mas que na verdade estava conversando comigo mesmo. Muitas vezes eu ia na igreja, e não encontrava a resposta, eu saía com uma falta e dizia – tem mais alguma coisa e não conseguia identificar.

Acrescenta, este entrevistado, que depois a vida tomou outro rumo, cidade grande, outros compromissos, perdeu aqueles hábitos que tinha e foi construindo outros, mas chegou um tempo que começou a pensar “*eu ando tão afastada de tudo, parecia que eu estava me afastando de crenças de alguns valores, eu dizia – eu tenho que voltar a assistir a missa, mas comecei a perceber que não era só aquele hábito de ir a igreja, sentia que faltava alguma coisa*” Na narrativa de outro entrevistado a espiritualidade aparece mais tardiamente, afirma que “*não foi educada para essa interioridade, teve momentos de religiosidade, mas não um aprofundamento, pelo menos na minha educação eu não tive isso*”. Esclarece que o seu despertar foi mais recente, há 10 ou 15 anos atrás:

Comecei a perceber mais essa força interior e parti para essa busca, era uma autoeducação, foi realmente através de leituras e os livros vinham, as oportunidades de participar de grupos apareciam, eu abri espaço pra participar de grupos de estudo para conhecimento de filosofias. Atualmente eu participo de um grupo de estudo espírita, nunca deixei de ler, ter contato, buscar pessoas. Esse conhecimento para melhor entendimento do todo, por mais que a gente estude ainda entende muito pouco.

Um dos sujeitos investigados de uma forma integradora e aberta salienta “*hoje se tu me perguntares qual é a minha religião? Eu te digo – não sei. Eu tenho maior respeito por*

todas elas, eu não tenho nada contra, tudo que é para o bem - que venha". Outro entrevistado em seu depoimento demonstra que ainda não se encontrou:

Estou com um pouco de dificuldade, eu sou católica, só que a religião católica não responde as coisas como eu gostaria, como eu acredito. Trabalhei em escola católica, em rede evangélica, mas hoje eu estou sem âncora, o budismo talvez tenha alguma coisa, mas eu tenho que estudar mais. Hoje eu não tenho muita crença, eu estou sem um amparo religioso que responda pra onde a gente vai.

Na medida em que se aprofunda a análise, a diversidade de percepções dos sujeitos pesquisados ao apontar os fatos marcantes que pela força de significação influenciaram os rumos de suas vidas, singulariza a trajetória de cada um. Josso (2004) afirma com veemência que “ *por definição, a formação é experiencial ou então não é formação, mas a sua incidência nas transformações da nossa subjetividade e das nossas identidades pode ser mais ou menos significativa*” (JOSSO, 2004, p.48). Um dos entrevistados relaciona a formação no mestrado como um novo rumo que assumiu em determinado momento de sua vida, aponta o casamento, as duas filhas, o neto de 5 anos e a separação deste casamento de 25 anos como fatos marcantes de sua trajetória.

Chamam a atenção dois depoimentos que apontam entre outros fatos marcantes, os primeiros anos escolares como significativos, porém para um dos entrevistados este marco foi positivo, enquanto para outro foi negativo. Para este último, os primeiros anos escolares foram muito marcantes, o processo de alfabetização foi deficiente passou para 2ª série semialfabetizada, o aprender não era prazeroso, até a oitava série não gostava de estudar, salienta que “*ia passando, sempre com as calças na mão*”. Acredita que em função disso frustrou a expectativa dos pais, perdeu a segurança de filha mais velha, ao passo que a irmã mais nova que estudou em escola particular, conforme declara “*minha irmã teve uma outra trajetória de construção com o saber, totalmente diferente, sempre se destacando, e eu não gostava de estudar, só queria saber de namorar, o prazer era outro, não era a aprendizagem*”. Relata que até a 8ª série estudou em escola pública e considera que a relação com o ensino teria sido diferente se tivesse a oportunidade de estudar em uma escola com bons profissionais, ressalta que “*podia até ter sido pública*”.

O sujeito pesquisado que elenca a experiência nas séries iniciais como um fato marcante positivamente que, pela força de significação influenciou os rumos de sua vida atribui à mãe a expectativa positiva: “*minha mãe, antes de eu entrar para escola, sempre me*

disse: o dia que tu aprenderes a ler e escrever e fores pra escola tu vais te apaixonar de tal forma que tu nunca mais vais deixar de conhecer coisas". Conforme relata, este entrevistado acredita que, desde criança, reconhecia a importância do professor na formação, merecendo transcrição o seguinte excerto:

Eu achava que ser professor era uma coisa tão importante, desde criança eu sempre achei que ser professor era muito mais importante que ser um médico. Ser professor era uma coisa para pessoas iluminadas, para pessoas importantíssimas. Mais tarde eu dei nome a isso, vocacionadas, as pessoas me dizem que coisa antiga, mas é uma coisa que eu acredito. É uma vocação, tu nasces com esta alma de professor, tu não te tornas professor. Simone de Beauvoir diz que as mulheres não nascem mulheres, se tornam mulheres, para mim os professores nascem professores, não se tornam professores, tu não consegues fazer ninguém virar um professor, e hoje trabalhando com educação e formação de professores eu sei disso.

Neste ponto é necessário retomar o objetivo da presente pesquisa que é identificar, nas narrativas de histórias de vida de mestres e doutor, relatos, que pela força de significação, foram incorporados como experiências formadoras, sob o ângulo da aprendizagem; analisar como se exteriorizaram durante o processo de autoformação e compreender como se desvelaram em sua pesquisa científica. O questionamento sobre quais fatos marcantes que pela força de significação, influenciaram os rumos da vida do entrevistado sinaliza para distinção entre vivência e experiência. Josso (2004, p.48) defende que algumas vivências, pelo valor que se atribui ao que foi vivenciado, têm uma intensidade particular e por isso atingem o status de experiência quando “*se impõem à nossa consciência e delas extraímos as informações úteis às nossas transações conosco próprios e/ou com o nosso ambiente humano e natural*”. Já no âmbito da neurociência, Damásio (2000, p.225) usa a expressão memória autobiográfica quando aborda a questão do *self* autobiográfico:

O self autobiográfico baseia-se na memória autobiográfica, que é constituída por memórias implícitas de múltiplos exemplos de experiência individual do passado e do futuro antevisto. Os aspectos invariáveis da biografia de um indivíduo formam a base da memória autobiográfica. A memória autobiográfica cresce continuamente com a experiência de vida, mas pode ser parcialmente remodelada para refletir novas experiências.

Conforme se depreende dos extratos das narrativas, os sujeitos investigados descrevem vivências diferenciadas na diversidade de cenários vivenciais, mas evidenciam características comuns quando reconhecem o referencial familiar como marcante nos rumos de suas vidas, seja na figura da mãe, do casal ou da entidade familiar como um todo, ou de forma implícita quando fazem referência à gravidez e maternidade. Como explica Damásio (2000, p.294): “*Quando nos referimos ao self pensando na dignidade única de um ser*

humano, pensando nos lugares e nas pessoas que moldaram nossas vidas e que afirmamos nos pertencer e viver em nós, estamos falando em self autobiográfico”.

Josso (2006) quando aborda as figuras de ligação nos relatos de formação defende que não há vida sem uma multiplicidade de ligações biopsicosociais, tão pouco haveria história se não houvesse a constituição de ligações entre os acontecimentos materiais e psíquicos, tanto na dimensão individual, quanto na coletiva. Afirma que, no sentido etimológico, não há grupo humano sem mitologia fundadora de ligações com o cosmos precursoras dos elos sociais.

Um dos entrevistados em seu depoimento relata que ainda se mantém ligado às suas professoras dos primeiros anos escolares. Todos os depoimentos dos sujeitos entrevistados apontam os elos de parentesco, seja por relação consanguínea ou por afinidade. Aqui a referência jurídica para distinguir que a consanguinidade aparece quando os entrevistados citam como referência marcante em suas trajetórias os ascendentes e descendentes, os afins quando se referem ao cônjuge. Neste ponto não posso deixar de inter cruzar a questão dos elos de parentesco com a tradição do oriente. A filosofia oriental, quando aborda a questão dos elos de ligação, sustenta que, assim como na transmissão hereditária, a informação genética perpassa inúmeras gerações, os elos espirituais ultrapassam a barreira do tempo e do espaço e manifestam-se no presente em cada ser como consciência, pensamento, razão, sentimento e vontade. Mokiti Okada (2003) em ensinamento esclarece que os elos espirituais são veículos de transmissão de vibrações sutis, tanto positivas como negativas, não podendo ser rompidos entre parentes consanguíneos. Afirma que o chefe de uma família mantém elos com familiares, empregados, amigos; se presidir uma empresa privada mantém elos com todos os funcionários, fornecedores, ou se exercer cargo público, prefeito, governador, presidente, os elos espirituais são mantidos com todos os que estão sob sua administração. Salaria que o caráter dos filhos sofre influência do caráter dos pais através dos elos espirituais. Ressalta que cada ser está ligado por incontáveis elos espirituais, enfatiza a relação professor-aluno, merecendo transcrição o seguinte:

Principalmente os educadores, se soubessem que seu caráter se reflete sobre os alunos através dos elos espirituais, deveriam tornar-se pessoas dignas de exercer essa profissão, procurando constantemente aperfeiçoar o próprio espírito. (OKADA, 2003, p.79).

A filosofia oriental neste aspecto encontra respaldo tanto em Josso, quando a autora descreve os laços biográficos, quanto em Damásio (2000) quando aborda a questão do *self*

biográfico. No processo de formação, Josso (2006) usa a figura do *nó górdio* para representar os laços que não podem ser desatados que são os laços familiares e afetivos. Relata que nas narrativas emergem elos de ligação mantidos com avós ou figura feminina ou masculina mais velha. A autora salienta que os laços são tecidos com pessoas que estiveram presentes durante a trajetória de vida, mas muitas vezes são mantidos com um ancestral longínquo. Cabe aqui transcrever a poesia Antepassado, de Carlos Drummond de Andrade, que tão bem retrata a questão dos elos de ligação:

*Só te conheço de retrato,
 não te conheço de verdade,
 mas teu sangue bole em meu sangue
 e sem saber te vivo em mim
 e sem saber vou copiando
 tuas imprevistas maneiras,
 mais do que isso: teu fremente
 modo de ser, enclausurado
 entre ferros de conveniência
 ou aranhóis de burguesia,
 vou descobrindo o que me deste
 sem saber que o davas, na líquida
 transmissão de taras e dons,
 vou te compreendendo, somente
 de esmerilar em teu retrato
 o que a pacatez de um retrato
 ou o seu vago negativo,
 nele implícito e reticente,
 filtra de um homem; sua face
 oculta de si mesmo; impulso
 primitivo; paixão insone
 e mais trevosas intenções
 que jamais assumiram ato
 nem mesmo sombra de palavra,
 mas ficaram dentro de ti
 cozinhadas em lenha surda.
 Acabei descobrindo tudo
 que teus papéis não confessaram
 nem a memória de família
 transmitiu como fato histórico
 e agora te conheço mais
 do que a mim próprio me conheço,
 pois sou teu vaso e transcendência,
 teu duende mal encarnado.
 Refaço os gestos que o retrato
 não pode ter, aqueles gestos
 que ficaram em ti à espera
 de tardia repetição,
 e tão meus eles se tornaram,
 tão aderentes ao meu ser
 que suponho tu os copiaste
 de mim antes que eu os fizesse,
 e furtando-me a iniciativa,
 meu ladrão, roubaste-me o espírito.*

Verifica-se pela análise e interpretação dos depoimentos dos sujeitos entrevistados que os elos de ligação referidos em suas experiências formadoras tiveram forte influência na formação de suas idéias e crenças, inspiram a forma de se posicionar na vida relacional cotidiana e nas escolhas que balizam seus itinerários, são exemplos de resiliência em virtude de alguma dificuldade que enfrentaram ou inspiradores pela maneira de ser diante da vida.

A maioria dos entrevistados, ao responder à primeira pergunta, encaminharam o segundo questionamento - Como esses fatos repercutiram em tomadas de decisão reveladoras de posições existenciais? E visualizaram o fio condutor que os levou e se mantém na formação que é a terceira questão. Alguns dos sujeitos já adentraram na quinta questão que inquiri sobre os valores, referenciais, ideários, experiências fundadoras que nas suas trajetórias de vida demonstram certa coerência interna com o tema da pesquisa por eles realizada no mestrado e doutorado e justificaram o porquê da escolha em trabalhar o tema espiritualidade e inteireza do ser que é a pergunta seis (6) do instrumento de pesquisa, entrevista semiestruturada em anexo .

Essa forma contínua de relatar presente nas falas dos sujeitos investigados é característica da formação experiencial integrada à experiência existencial, de significação e orientação no contexto de uma história de vida que, conforme Josso (2004, p.56), “*coloca o aprendente em interações consigo mesmo, com os outros, com o meio natural ou com as coisas, num ou em vários registros*”. Foram evidenciadas vivências significativas durante o percurso de vida dos sujeitos pesquisados que são inerentes a sua formação e por isso são experiências formadoras.

Na abordagem biográfica de formação de Josso (2004), as experiências formadoras são assim consideradas pelo sujeito investigado ao recordar experiências significativas para própria representação que tem de si mesmo e de suas aprendizagens. Neste sentido corrobora Morin (2005) quando discorre sobre a identidade polimorfa, sustenta que cada um traz em si todas as idades, afirma que a infância e adolescência não desaparecem na vida adulta e declara que “*Cada idade tem suas verdades, experiências e segredos.*” (Morin ,2005 p.87).

Relativamente aos fatos marcantes foram identificados acontecimentos ocorridos na adolescência, sendo citados pelos entrevistados vivências relativas ao trabalho voluntário e à busca pela espiritualidade. Os sujeitos investigados também referiram como significativas as

experiências referentes à escolarização na infância. Um dos entrevistados enfatizou como fato marcante a separação judicial que desencadeou a procura pela educação continuada ocorrida na idade adulta. A questão da opção religiosa e a espiritualidade foi abordada tanto como fato marcante na infância, quanto na adolescência e na idade adulta.

O sujeito investigado passa a ser autor quando narra sua vida em sua globalidade temporal, incluindo no presente tanto os saberes adquiridos pelas marcas do passado, a memória revisitada e o futuro atualizado até o momento da reflexão. Um dos sujeitos investigados, em sua fala, declara que veio preparado para a entrevista “*já sabia que eu ia ter que entrar dentro de mim*”. Afirma que o momento da entrevista foi e está sendo muito gratificante, porque é sobre a sua própria história que está refletindo “*grandes momentos da minha vida passaram na minha frente, essa experiência que a gente está tendo, sem sombra de dúvidas reaviva, reanima e reafirma minhas crenças pessoais*”. Salienta que hoje tem convicção que é autor da sua própria vida: “*eu construo a minha vida, o passado foi e serve para catapultar e o futuro é uma coisa que eu vou fazer no presente, até porque tem esse nome ‘presente’ é o que tem que ser vivenciado, não cabe choro de tristeza, lástima, seja o que for que aconteça, acontecendo é por que tu de alguma forma permitiu. Quando tu te tornas autor, se apropria dessa autoria da tua existência tu vais compreender que és tu que escreve a próxima página, és tu que é o autor da tua própria história, é fascinante e essa descoberta mudou a minha vida para o resto dos meus dias.*” Josso (2004. p.60) enfatiza que:

O processo autorreflexivo, que obriga a um olhar retrospectivo e prospectivo, tem de ser compreendido como uma atividade de autointerpretação crítica e de tomada de consciência da relatividade social, histórica e cultural dos referenciais interiorizados pelo sujeito e, por isso mesmo, constitutivos da dimensão cognitiva de sua subjetividade.

Um dos sujeitos investigados comenta que quando estava fazendo à pesquisa do seu trabalho a maioria dos entrevistados tinha o hábito de refletir em função de terapia ou de prática de meditação, mas durante a entrevista disseram “*olha eu nunca tinha ordenado as coisas da forma como eu ordenei contigo e realmente é o que está acontecendo comigo agora*”. Outro sujeito investigado assim se manifesta: “*as pessoas não param para pensar, mas isso faz parte da minha rotina, toda semana eu tenho terapia eu sempre paro para pensar, esse momento contigo hoje é mais um momento pra eu resgatar a minha história*”. Considera o tempo presente como fonte de experiência: “*isso me ajuda reafirmar,*

resgatar, o que eu ando pensando, o que eu ando vivendo e fico feliz de ver que tem gente que continua assim pensando, refletindo, produzindo conhecimento para gente poder cada vez mais socializar, então é uma experiência maravilhosa". No seguinte excerto, o entrevistado salienta "*sempre que tu tens oportunidade de falar sobre as tuas coisas é uma coisa boa, sempre tu estás trabalhando, sempre tu estás aprendendo*". Damásio (2000, p. 288), sob outro enfoque, ressalta:

As mudanças que ocorrem no *self* autobiográfico ao longo da vida inteira de um indivíduo se devem tanto à remodelação consciente e inconsciente do passado vivido como a formulação e remodelação do futuro antevisto. As memórias dos cenários que concebemos como desejos, aspirações, objetivos e obrigações atuam a todo instante sobre o *self*. Sem dúvida elas também possuem um papel na remodelação consciente e inconsciente do passado vivido e na criação da pessoa que a cada momento imaginamos ser.

O seguinte excerto do depoimento deste entrevistado bem retrata a questão:

Tem pessoas que vivem do passado para explicar o presente, precisam trazer nas costas aquele peso do passado, eu não sou assim, não trago coisa do passado junto comigo, não fico buscando o passado trazendo para cá, chorando. Aproveito as coisas boas que aconteceram, aquilo até posso resgatar, mas não carrego o mundo nas costas. Tenho vivido muito o presente e tenho me dado muito presente tanto materiais como afetivos de vida. Hoje eu faço aquilo que me dá prazer, não que eu não esteja olhando para o outro, mas estou me presenteando mais com a atenção voltada para mim, quem eu sou agora que desejos eu tenho, que vontades, o que eu quero.

A atitude reflexiva capaz de intersubjetividade, entendida como capacidade de concentração sobre si e abertura ao outro, repousa na atenção consciente e caracteriza a arte de viver denominada por Josso (2004) de busca de uma sabedoria de vida. A formação do ponto de vista do sujeito, de acordo com a autora, é direcionada a um saber viver. Este saber viver a própria existencialidade é o caminho da sabedoria. O conceito de sabedoria, para a autora, resulta da análise e compreensão dos percursos de vida de pessoas comuns que buscam viver sua existencialidade de forma plena e inteira, conscientes de suas contradições e fragilidades.

Para a autora, a prática de desenvolvimento da atenção consciente de si, dos outros e com o meio natural, numa presença empática consigo e com o mundo, consciente da complexidade das causas e condições, fundamenta a arte de viver. A própria reflexão não é separada da experiência. Varela (1996), ao propor a reflexão atenta e aberta como uma prática de transformação derivada do método budista de exame da experiência como

contribuição importante de diálogo com as ciências cognitivas, afirma que “ *la reflexión no és solo acerca de la experiencia, sino que la reflexión es una forma de experiencia em si – y esa forma reflexiva de experiencia puede lograrse mediante el estar plenamente*” (VARELA, 1996, p.93). Os sujeitos entrevistados avalizam o entendimento do autor, o excerto do depoimento seguinte assim demonstra:

A reflexão é uma forma de experiência, é importante porque tem a experiência do dia a dia, a relação com outro, com o meio, com tudo, contigo mesmo, é o momento de fazer relações daquilo que eu vivi no dia e me avaliar, quando tu páras pra pensar é outra experiência. A reflexão faz parte do processo de aprendizagem e evolução do ser humano, pode ser só mental ou assim como a gente está fazendo, compartilhando, pensando sobre, daqui a pouco tu retomas uma ação do passado, falar sobre aquilo, tomar consciência no ato de refletir é a primeira etapa para agir diferente.

Outro sujeito investigado relata que tem como prática o *tai chi*, três (03) vezes por semana “*o meu professor é maravilhoso, ele tem toda a questão da filosofia oriental permeando*” . Além desta prática declara que diariamente tem o hábito de refletir sobre o dia que vivenciou, depois que as crianças vão dormir e antes de responder os emails e trabalhar, coloca uma música e esse momento é especial. No seguinte excerto, o entrevistado afirma que:

Sem dúvida a reflexão é uma forma de experiência. Na formação pedagógica tem uma teoria do professor reflexivo e tem outro autor que fala bastante da reflexão na ação. Não tem como não pensar, o teu tempo intelectual, mental e emocional é reflexivo.

Outro entrevistado afirma:

A reflexão é uma fonte de experiência no presente. Vou sair daqui diferente, já comecei, já está acontecendo. Agora conversando contigo está me dando vontade de estudar de novo quem sabe eu vou para o doutorado para dar continuidade. Tu estás me fazendo pensar agora - eu vou começar a escrever no final das minhas aulas as minhas atitudes, as atitudes dos meus alunos - vou começar a fazer isso. O legal é poder perceber isso, porque tu vais fazendo as coisas, as coisas vão se encaminhando, assim como eu estou conversando contigo agora.

Todos os sujeitos investigados consideram o tempo presente como fonte de experiência, um dos entrevistados enfatiza que tem consciência da fase em que se encontra, em especial o momento em que seu único filho esta saindo de casa para passar uma temporada no exterior:

Eu estou parindo de novo, esse cortar o cordão umbilical, empurrar o filhote para fora do ninho é um período de me olhar. Essa semana especialmente eu estou extremamente fragilizada, então tu me pegas numa época que eu estou falando muito em mim, olhando muito pra mim, meu filho viajou terça-feira, hoje é sábado.

Afirma outro sujeito investigado:

Eu faço yoga, ainda hoje de manhã estava agradecendo, eu não abro mão desta prática. O fato de tu vires aqui para mim é uma alegria imensa, eu acho fantástico a gente poder parar e fazer essa troca, eu me emociono em ver que a gente está construindo isso e está tendo esse espaço tão legal de poder trabalhar essas coisas tão bonitas do nosso crescimento como seres humanos. É uma experiência, tudo é um acréscimo, te conhecer, ver que tu também estás buscando, que a gente também está somando nessa trajetória toda. O tempo presente é uma fonte de experiência me fortalece tanto a busca, como a continuidade do trabalho e dá um novo ânimo ver que a gente não está sozinha e se agora o solo não é tão fértil, no futuro fatalmente essa semente brotará .

Nesta perspectiva biográfica, há um momento charneira de reconstrução no percurso de vida relatado que permite compreender como a história articula-se como um processo de formação a partir das lições das lembranças que articulam o presente ao passado e ao futuro. Percebe-se nos depoimentos dos entrevistados experiências significativas que demonstram nitidamente os “*momentos charneira*”, conforme esclarece Josso (2004, p.64):

Momentos ou acontecimentos charneira são aqueles que representam uma passagem entre duas etapas da vida, um “divisor de águas”, poderíamos dizer . Charneira é uma dobradiça, algo que, portanto, faz o papel de uma articulação. Esse termo é utilizado tanto nas obras francesas quanto portuguesas sobre histórias de vida, para designar os acontecimentos que separam, dividem e articulam as etapas da vida.

O termo “*momentos ou acontecimentos charneira*” utilizado por Josso (2004) pode ser entendido como um acontecimento que separa, divide e articula as etapas da vida. O movimento de transposição de um momento significativo ou “*acontecimento charneira*” tal qual uma dobradiça, remete ao rito de passagem, no sentido usado nas tradições nativas de sabedoria. Essas tradições usam a expressão “*atravessar a porta dourada*” quando se referem às mudanças sentidas em um nível mais elevado de consciência, quando novos níveis de compreensão e conhecimento são alcançados no presente e ajudam dar forma ao futuro, simbolizando crescimento.

Os “*momentos ou acontecimentos charneira*”, pela força da significação, demonstram o entendimento existencial do sujeito na compreensão do mundo, sinalizam uma direção epistemológica e desvelam caminhos a partir de então. Aquele sujeito investigado que apontou os primeiros anos escolares como uma experiência negativa em seu depoimento afirma que este fato, acontecimento charneira, desencadeou uma série de problemas durante sua escolaridade, conforme relata:

Eu tinha dificuldade com a produção escrita, não tinha autoconfiança pela insegurança da alfabetização, não conseguia ler um texto, interpretar e escrever com as minhas próprias palavras. Aprendi de uma forma diferente, estudava com a minha mãe, era ela quem lia, interpretava e me explicava os textos.

Em seu depoimento, declara que a deficiência na alfabetização se refletiu na tomada de decisão de seguir o magistério, depois pedagogia, especialização e o mestrado. Salienta que a opção pela pedagogia foi “*porque era a coisa mais fácil pra passar no vestibular*”. Relata que fez pós-graduação em psicopedagogia, porque queria ajudar crianças com dificuldades de aprendizagem, porém, ressalta que não concluiu o curso por não ter apresentado a monografia em virtude da dificuldade que tinha com a produção textual. Para enfrentar a dificuldade e insegurança de escrever declara que resolveu cursar a pós-graduação em supervisão escolar em EAD. E afirma: “*eu sempre fui assim, aquilo que eu não sei, eu me imponho desafios para me exigir fazer*”. Iniciou o mestrado como aluna especial porque tinha medo de fazer a prova, até que foi cobrada para regularizar sua situação no Programa. Quando resolveu fazer a prova de seleção contratou uma professora particular de português para aprender escrever, conforme relata:

Fiz tudo para prova do mestrado, eu tinha que estar segura, comecei a ter aula de português para aprender a organizar e a expressar o meu pensamento com começo, meio e fim. Foi um sofrimento, no dia da prova eu pensei o que eu estou fazendo aqui? Por que eu estou fazendo isso comigo? Eu me preparei muito, quando eu passei, foi a maior alegria da minha vida porque eu tinha passado com as minhas próprias condições e empenho, todo o meu esforço.

Por outro lado, o sujeito investigado que teve os primeiros anos escolares como experiência formadora positiva, a referência foi muito significativa afirma que: “*as pessoas se admiram quando eu cito nome e sobrenome das minhas primeiras professoras, são quarenta anos, eu fui alfabetizada por uma construtivista que em 1968 não fazia idéia do que*

viria a ser o construtivismo”. Este entrevistado cita como experiência marcante o seu primeiro dia de aula quando assumiu uma 2ª série em uma escola particular:

Quando um aluno se dirigiu a mim e me chamou de professora, aquele ‘professora’ me arrepiou e ali eu percebi que tinha nascido para aquilo, era isso que eu tinha vindo fazer, e eu amo muito fazer. Hoje eu digo para as minhas alunas do 4º ano normal: como é que a gente sabe se está no caminho certo? Eu digo – esperem o primeiro dia de aula, na sala de vocês, não no estágio, ou na prática, quando assumirem uma sala de aula de vocês, quando ouvirem o primeiro aluno chamar ‘professora’ percebam se emocionam; se emocionam vocês estão no lugar certo, se não, procurem outra coisa para fazer.

Para este entrevistado, o momento charneira foi propulsor de suas buscas “*eu passei o resto da minha vida procurando eu queria ver de novo aquele brilho no olho dos professores*”. O referencial de suas primeiras professoras, aliado à busca pela transcendência, o ser professor e a questão vocacional, foi entendido pelo entrevistado como uma exceção e não uma regra. Durante sua vivência escolar em alguns professores identificou o olhar das suas primeiras professoras. A idéia da própria pesquisa no mestrado partiu dessa experiência, tanto que dedicou a dissertação às primeiras professoras da escola pública onde estudou da 1ª. à 4ª séries.

O momento charneira de outro entrevistado foi a separação de um casamento de 25 anos. Considera a separação um fator que desencadeou a sua trajetória até a formação, “*quando eu me separei, já estava num período de busca interior, o fato da separação foi o que impulsionou pra esse aprofundamento, eu li muito*”. Quando soube que o Programa de Pós Graduação em Educação oferecia disciplinas na linha da espiritualidade salienta “*eu disse – é por aqui que eu vou, vou unir uma busca pessoal com o Mestrado*”. Outro sujeito entrevistado não cita um momento charneira, mas uma série de acontecimentos que fizeram com que fosse em busca do mestrado, conforme relata:

Aconteceram algumas coisas, algumas boas outras desagradáveis na minha vida, eu passei por um período de crise comigo mesmo eu dizia – meu Deus parece que me falta alguma coisa para eu me agarrar, a impressão que eu tinha é que tinha perdido um pouco daquilo que eu era, eu fiquei meio perdida, fiquei me questionando quem eu sou de novo? O mestrado foi um resgate de poder revigorar a alma de poder me buscar de novo, estava me dando uma abertura de espírito, eu costumo chamar de alma, uma abertura de alma, me ajudou demais e eu resgatei nessa época, depois de tantos anos - eu voltei às raízes, me encontrei, identifiquei bem o que é ir à igreja rezar e o que isso significava pra mim. Comecei a me identificar e me estabilizei, eu consigo mesma, de me compreender melhor, aceitar

meus limites, - eu sempre digo para os meus alunos, se tu não te compreendes, não te gostas tu não consegues gostar do outro.

Enquanto outro entrevistado credita o seu encaminhamento para o mestrado em Educação à experiência com os estagiários na escola técnica em que trabalha. Cita uma passagem quando, ao corrigir o relatório de um aluno, considerou um prefixo como inexistente na língua portuguesa, porém dizia respeito a um termo técnico, desde então começou a se envolver mais com o fazer daqueles alunos e se apropriar daqueles conhecimentos.

Pela análise dos excertos das entrevistas percebe-se que o “*momento charneira*” de cada um dos sujeitos investigados, seja o fato de uma separação, o momento de crise existencial, o desafio de superar dificuldades de aprendizagem ou o referencial das primeiras professoras, foram experiências significativas, de forte carga emocional que não cumpre analisar, porém verifica-se que deixaram um registro que orientou suas trajetórias de vida desde então. Tais episódios vivenciados pelos entrevistados geraram de alguma forma uma intenção que provocou uma ação, movimento e resultou em um comportamento, por isso foi uma experiência fundadora reorientadora de um projeto de vida.

Destaco aqui expressões usadas pelos sujeitos investigados extraídas dos excertos acima transcritos, quais sejam: “*já estava num período de busca interior*”; “*vou unir uma busca pessoal com o Mestrado*”; “*o mestrado foi um resgate de poder revigorar a alma de poder me buscar de novo*”; “*aquilo que eu não sei, eu me imponho desafios para me exigir fazer*”; “*eu passei o resto da minha vida procurando*”. O termo “*busca*”, usado pelos entrevistados, reflete o movimento da tomada de consciência ocasionado pela situação vivenciada que se tornou um “*momento charneira*” propulsor de uma experiência significativa e fundadora. Esta tomada de consciência revela o eu dinâmico dos investigados, caracteriza conforme Josso (2004, p.68) a posição existencial:

A posição existencial evidencia os posicionamentos do sujeito na sua maneira de estar no mundo, de agir sobre ele, de gerir a sua vida e as suas relações com o mundo, assim como a identificação das buscas que orientam uma vida.

Josso (2006) denomina “*nó de pescador*” aquele que faz a ligação dos momentos e situações recorrentes em um mesmo período ou distantes no tempo, mas semelhantes. Usa o termo “*falças*” para representar o ato de reunir os fios que se revelaram significativos do

ponto de vista da formação e transformação, e que permitem ver quais são os desafios. Pela análise e interpretação dos depoimentos dos entrevistados foi possível vislumbrar o fio condutor que liga as experiências, evidencia as práticas formativas referentes ao itinerário escolar, profissional, ou se relaciona a outras aprendizagens, desafios enfrentados e valores que orientaram as suas buscas.

Um dos sujeitos investigados identifica a disciplina como fio condutor, conforme salienta “A questão da disciplina, de estar centrada naquilo, de determinação, de busca, é uma coisa que eu trago desde a minha infância, tenho isso bem presente sempre”. Enquanto outro entrevistado assim se expressa: “Eu colocaria uma palavra chave que é fé, eu acho que o fio condutor é fé, para a igreja tem uma forma e em relação a aprendizagem é outra, é fé na vida, na tua potencialidade, capacidade e na existência”.

A busca por crescimento pessoal foi outro aspecto identificado como fio condutor: *“considero como educação continuada não só o curso, mas as experiências que tu tens nas diversas situações, é um final de semana, um passeio, teatro, cinema, terapia, massagem, trabalhar o corpo, o autoconhecimento e a busca por crescimento pessoal”*. Salienta um dos entrevistados que no mestrado foi possível retomar o fio condutor de sua vida, a questão da transcendência e de ser professor, as aulas propiciaram a busca de respostas que estavam deixadas de lado, adormecidas e concomitante com o aprofundamento do estudo do tema da inteligência espiritual no grupo de pesquisa fez com que compreendesse que estava no lugar certo.

Outro sujeito investigado faz uma relação entre o fio condutor do mestrado e do doutorado, relata que começou pesquisando a resposta do aluno, o que ele tinha em relação ao tipo de formação na escola e a partir disso foi buscar o que o professor pensava, *“faz muito sentido, e eu caracterizo como a minha própria vida profissional, o meu amadurecimento, o meu progresso no sentido da progressão da minha vida”*. Para Josso (2004) cada pessoa na procura de um saber viver a própria existencialidade, evidencia quatro eixos principais: busca de felicidade; busca de si e de nós; busca de conhecimento ou do real e a busca de sentido. As buscas podem aparecer em diferentes momentos, ser associadas entre si, em grupos de duas ou três ou todas conjuntamente. A busca de sentido ou a busca do conhecimento ou do real fundamentam a busca da felicidade e a busca do si e do nós.

O seguinte excerto da entrevista de um dos sujeitos confirma a assertiva da autora:

O mestrado valeu muito, foi um tempo fantástico de crescimento pessoal, de confirmação dessas coisas todas que eu já buscava, foi possível colocar isso numa fundamentação melhor. Poder referendar isso dentro da própria academia com o cuidado de ampliar e não prejudicar o espaço que já tinha sido criado dentro da instituição foi maravilhoso.

Esta outra fala também corrobora, vez que o sujeito entrevistado considera a formação um período de transformação “*não tem como tu trabalhares, fazer um mestrado e um doutorado e sair a mesma*”. Josso (2004) afirma que a busca da felicidade é fundadora do estar-no-mundo e vai se tornando mais complexa no decorrer da vida, nos momentos de escolha e nas tomadas de consciência ocasionadas pelas experiências de vida que tem significado para a pessoa. É fundante das outras três, podendo cada uma das buscas estar no centro da atenção ou associadas entre si em determinados períodos da vida. A mesma autora (2004, p.95) sustenta que a busca de si é inseparável da relação com outrem, e afirma: “*Nós não saberíamos viver, mesmo como eremitas, sem pertenças (reais ou simbólicas)*”.

O seguinte excerto do depoimento deste entrevistado ressalta a importância do sentimento de pertença, considera marcante o fato de ter participado dos Seminários Avançados de Educação e do Grupo de Prática de Pesquisa:

A coisa mais gratificante foi encontrar as disciplinas, os grupos de pessoas afins que também estão em busca, e ter um patamar, um espaço de troca. Foi uma coisa muito forte e isso me impulsiona realmente para continuar essa caminhada. Toda essa trajetória de busca, esse equilíbrio, essa harmonia no ser, para mim a inteligência espiritual, a espiritualidade é o equilíbrio entre o emocional e o racional.

Josso (2004) salienta que a busca do nós começa nas escolhas de amizades, grupos afins, de um companheiro, na criação de uma família e no ingresso em associação de interesse comum:

Em outras palavras, quando o nosso conhecimento de nós mesmos nos permite a associarmos-nos aos outros com prazer e criatividade, experimentando o equilíbrio entre o dar e o receber estamos disponíveis para a exploração além de nós mesmos, estamos disponíveis para a vida (JOSSO, 2004, p. 96).

Os elos de pertença a determinados grupos foram referidos pelos sujeitos entrevistados em relação a práticas como yoga, tai chi , meditação, estudo espiritual. Também foi citada a terapia, apesar de não ser em grupo, entendo que se enquadra como um elo de pertença. E no âmbito da formação acadêmica, a pertença ao Seminário Avançado de Educação e ao Grupo de Prática de Pesquisa. Um dos sujeitos investigados com mais ênfase que os demais relata que os encontros tanto do seminário como da prática de pesquisa realizavam-se semanalmente, a turma era bem eclética tinham pessoas de diferentes origens de formação, da medicina ao sacerdócio, praticamente todos eram orientandos da professora Leda Lísia e mesmo aqueles que já tinham concluído o curso continuavam participando da pesquisa. Os trabalhos eram realizados como laboratórios para as próprias pesquisas. O entrevistado afirma que:

Esses espaços foram muito significativos, muito importantes, tanto para construção, desconstrução e reconstrução da minha dissertação como para ter certeza que era isso mesmo, não era inteligência intrapessoal, sete e meia inteligências, mas inteligência espiritual.

A busca de si nunca está acabada. Conforme Josso (2004), são evidenciadas cinco competências de base e interdependentes mobilizadas nas atividades correntes ou nos momentos de escolha ou de dificuldades, quais sejam: habilidade, criatividade, avaliação, comunicação e atenção consciente. No entendimento de Josso (2004), a busca de conhecimento ou do real é uma procura orientada pelo desejo de se informar sobre e de se apropriar dos saberes construídos, é apoiada nas fontes das ciências do humano, das ciências da natureza e de saberes não científicos que orientam a procura do saber-amar, do saber-pensar, do saber-fazer ou do saber-ser-sociocultural.

Este entrevistado confirma o entendimento da autora. Em seu depoimento salienta que o referencial teórico trabalhado nas disciplinas da professora Leda Lísia proporcionou segurança e possibilitou a compreensão de que o caminho que estava tomando na vida era o mais adequado, principalmente na condução da relação com as pessoas, refletindo no âmbito profissional com a própria equipe de trabalho. Afirma que o curso ajudou a fazer escolhas no presente, deu mais segurança e coerência na sua vida, “*consigo falar e agir de acordo com aquilo que eu penso, antes eu tinha um discurso belíssimo, mas a minha prática era bem distante, agora a coisa flui, é natural*”. Josso (2004) afirma que muitas vezes a busca de conhecimento ou do real está relacionada à busca de si e de nós, acompanhada da questão

egocentrada “quem sou eu?” Ou sob a forma antropocêntrica do sentido da vida, e complementa:

Os saberes servem-nos a propósito de tudo, explícita ou implicitamente, para nos confirmar uma opinião, para legitimar uma maneira de pensar, de fazer ou de nos comportarmos, mas igualmente como fonte para as compreensões que procurávamos a propósito de nós mesmos, as evoluções que sonhávamos, as transformações das quais gostaríamos de participar. Para agirmos sobre nós, sobre os outros ou sobre nossos contextos e situações de vida, servimo-nos dos saberes que nos parecem indispensáveis para nossa progressão ou para nossa ação (JOSSO, 2004, p.97).

Para a autora, a busca de conhecimento ou do real surge nas narrativas de momento de crise ou de efervescência, é a procura por informações que possam enriquecer o seu ponto de vista, suas leituras, atitudes, comportamento, seu saber-fazer consigo mesmo e com o outro. O processo de conhecimento não ocorre por adição e a integração de informações novas ou de saber-pensar exigem reajustamento em cadeia de todas as idéias que estão associadas. Assim, a busca de conhecimento ou do real pode ocasionar profundas mudanças na forma de condução da vida. Conforme Josso (2004) é no centro da busca de conhecimento ou do real que a busca de sentido inicia:

Um grande número de narrativas conta como a busca de sentido se iniciou muito cedo, com base, na maioria das vezes, em uma herança religiosa, em um compromisso familiar e/ou ainda em razão de uma personalidade exemplar anônima ou socialmente reconhecida. Já outras narrativas mostram a emergência dessa busca na meia idade, quando o horizonte temporal se reduz, ou ainda devido ao falecimento de um familiar ou ao aparecimento de uma doença grave (JOSSO, 2004, p.99).

Para Josso (2004) a busca de sentido pode ser orientada como busca de conhecimento, análise, e interpretação de um fenômeno, situação ou acontecimento. Também pode ser orientada para a pesquisa do significado particular de si mesmo ou do ser em relação com o mundo. E ainda com caráter filosófico ou religioso, afirma a autora:

A busca de sentido gira em torno do sentido que pretendemos dar à nossa vida, à comunidade à qual pertencemos, restrita ou ampliada, por meio de um conjunto de escolhas pessoais e sociais, e pode mesmo prolongar-se, para além disso, por meio da preocupação de inserir o sentido singular das nossas escolhas de vida numa visão do devir humano que eu denomino então como busca da espiritualidade (JOSSO, 2004, p.100).

Tendo como norte que a resposta não é definitiva diante da relatividade e vulnerabilidade da certeza, considerando que o sujeito pesquisador é um ser em construção em processo de autoformação e constante transformação, por ora e sob o ponto de vista desenvolvido na presente pesquisa emergiu o seguinte enunciado - **A ação traz intrinsecamente a consciência potencial de experiências fundadoras do processo subjetivo que aproximam o sujeito de quem é na investigação científica** resultante da análise e interpretação realizadas com respaldo teórico e empírico capaz de responder ao problema de pesquisa - Como experiências formadoras de mestres e doutores se desvelam na investigação científica? Vale aqui retomar os títulos das pesquisas desenvolvidas pelos sujeitos investigados, dissertações e tese, salientando que, apesar dos trabalhos estarem disponíveis na biblioteca da PUCRS, podendo ser identificados os autores, na presente pesquisa foram salvaguardadas as identidade das falas:

- Inteligência Espiritual Ampliada e Prática Docente Bem Sucedida: uma tessitura que revela outros rumos para a Educação (2003);
- O desenvolvimento do ser humano na sua inteireza: uma proposta educativa possível (2005);
- A educação como processo do traduzir-se: o (re)descobrir da inteireza do ser (2005);
- Desvelando o perfil de espiritualidade: elo propulsor para ampliação dos propósitos e objetivos de vida (2006);
- Educação continuada: um olhar para além do espelho, iluminando mente, corpo, coração e espírito do docente da educação superior (2006).

O enunciado emergente da análise e interpretação das entrevistas dos sujeitos investigados – **A ação traz intrinsecamente a consciência potencial de experiências fundadoras do processo subjetivo que aproximam o sujeito de quem é na investigação científica** tem apoio em Damásio (2000) quando defende que a consciência central é o alicerce da consciência e a consciência ampliada vai além do aqui e agora da consciência central, retrocede ao passado para buscar memórias até à medida que precisa para iluminar o presente e avança para o futuro antevisto através das projeções.

Um dos entrevistados relata que já tinha leituras de assuntos relacionados a transcendência em virtude da busca que empreendeu durante toda sua trajetória de vida desde a adolescência, conforme declara:

Estava dando nome a coisas que eu já tinha presente, enquanto ser humano, a solidariedade, generosidade, a maneira de olhar e enxergar não só o que eu estou vendo, mas muito mais, de permitir que as pessoas se aproximem e tu poder acolher, te apropriar dos espaços, saber que quem se aproxima de ti não é por coincidência, não existe acaso. Todas estas coisas eu já tinha enquanto prática de vida, eu fui dando nome, e fui vendo de que forma aprimorá-los nesse exercício cotidiano.

Neste excerto outro sujeito pesquisado relata:

O tema foi latente, não me via buscando outro, tinha que ser alguma coisa que realmente viesse de dentro e esse desejo pelo tema foi muito forte. Eu já estava buscando, era uma autoeducação, através de leituras e participação em grupos de estudo.

O espectro de conhecimentos acessados é amplo, a consciência ampliada se expande ao longo da vida com as experiências que cada indivíduo tem. Cumpre transcrever o seguinte exemplo citado por Damásio (2000, p.252):

Em vez de apenas ter acesso ao fato de que está sentindo dor, você também pode fazer um levantamento dos fatos relacionados ao local da dor (cotovelo), ao que causou (tênis), quando a sentiu pela última vez (três anos – ou será quatro?), quem também sentiu uma dor assim recentemente (sua tia Maria), o médico que ela procurou (o dr. Silva ou terá sido o dr. Castro?), o fato de que você não pode jogar com o João amanhã.

Na consciência central, o sentido do *self* surge no sentimento sutil e fugaz de conhecer, sendo construído de novo a cada pulso. Esclarece o autor que na consciência ampliada, o sentido do *self* surge na exibição reiterada e consistente de algumas memórias pessoais, objetos do passado que dão substrato a identidade à individualidade. No depoimento deste entrevistado, pode-se aferir que a escolha do tema não foi aleatória, pois afirma que é inerente a sua maneira de ser e ver o mundo. Salienta que “ *é diferente de inventar uma estória, isso já vem comigo, é uma história de vida, eu trouxe para dar forma acadêmica uma realidade em que eu acredito intimamente*”.

A consciência ampliada é conseqüência de duas contribuições capacitadoras, conforme Damásio (2000, p.253):

Primeiro a capacidade de aprender e, com isso, guardar registros de uma infinidade de experiências, conhecidas previamente graças à consciência central; segundo, a capacidade de reativar esses registros de modo que, como objetos, eles também possam gerar “um sentido do *self* no ato de conhecer” e, assim, ser conhecidos.

O mesmo autor ressalta que a consciência ampliada é um pré-requisito da inteligência, torna o organismo ciente de todo conhecimento possível, enquanto a inteligência é a capacidade para manipular esses conhecimentos de tal forma que as respostas possam ser planejadas e executadas. Salienta que a memória operacional e a atenção focalizada contribuem para a consciência ampliada. Frisa que a consciência ampliada baseia-se na consciência central para o seu desenvolvimento no decorrer do tempo e em cada momento. Merece transcrição o exemplo citado pelo autor:

Como possuidor de consciência ampliada, você provavelmente está prestando atenção a vários conteúdos mentais ao mesmo tempo: o texto impresso, as idéias que ele evoca, as questões que ele suscita, talvez música ou algum ruído específico em algum lugar da casa e em você mesmo, como conhecedor. Nem todos esses conteúdos se destacam igualmente com o mesmo conteúdo de nitidez, mas todos se encontram no palco e, em um momento ou outro, por muitos segundos, minutos, um ou alguns deles vêm para a ribalta (DAMÁSIO, 2000, p258).

No exemplo citado, o autor dá conta do momento presente, porém um organismo com consciência ampliada planeja comportamentos complexos de intervalos de tempo maiores, de horas, dias, semanas e meses, “*Em outras palavras, o que uma pessoa faz deve ter sentido não só imediatamente, mas em contextos de maior escala*” (DAMÁSIO, 2000 (p.259). A seguinte fala deste sujeito investigado assim retrata:

No mestrado, além de poder unir essa busca pessoal, escolhi um tema que pudesse servir de alguma forma pra despertar outras pessoas, para poder trabalhar com isso e mais adiante continuar acelerando esse trabalho, passar isso para outras pessoas, em outros espaços.

Damásio (2000) afirma que em um estado neurologicamente normal nunca se está totalmente destituído de consciência ampliada, a não ser quando se é um bebê de até um ano de vida; neste caso, os objetos saem tão rapidamente como entraram na mente, pois a criança possui apenas consciência central e *self* simples. O *self* simples conhece cada objeto

isoladamente, não há relação entre os objetos no espaço ou no tempo, nem ligação entre o objeto e as experiências passadas ou antevistas. A consciência ampliada mobiliza internamente uma quantidade de conhecimento evocado em diferentes sistemas e modos sensoriais e depois manipula esse conhecimento para solucionar problemas. Declara que *“Podemos avaliar a consciência ampliada julgando, em um indivíduo cuja consciência central está intacta, o reconhecimento, a evocação, a memória operacional, a emoção e o sentimento, o raciocínio e a tomada de decisão ao longo de grandes intervalos de tempo”* (DAMÁSIO, 2000, p. 259). Na memória do aqui-agora estão incluídas as memórias de eventos antevistos que o autor denomina como *“memória do futuro”* porque relacionada à lembrança de planos para os próximos minutos, horas ou dias. O seguinte depoimento aborda a *“memória do futuro”*:

Eu não tinha esse tipo de leitura. Quando decidi fazer o mestrado comecei a ler algumas coisas e isso me chamou atenção e foi pra isso que eu enveredei, isso veio junto com a vontade de poder fazer diferente, de poder ajudar a formar pessoas, tanto os meus alunos como os outros que vêm; foi isso que me chamou atenção.

No repositório de registros da memória autobiográfica estão as memórias que constituem a identidade e definem a individualidade, defende Damásio. A personalidade depende de várias contribuições. Salienta o autor que os traços de personalidade denominados como temperamento são identificados desde o nascimento, alguns são transmitidos geneticamente e outros são moldados por fatores do desenvolvimento inicial. Ressalta que as interações com o meio são registradas na memória autobiográfica e constituem o alicerce do *self* autobiográfico e a individualidade. No mesmo sentido que Damásio, sob outro ângulo corrobora Josso (2004, p.183):

Se tudo na vida contribui para nossa formação, isso provém, contudo, das vivências que se tornaram fundadoras das nossas intenções, dos nossos comportamentos, das nossas valorizações socioculturais, da maneira como nos pensamos a nós mesmos e de pensarmos as realidades que vivemos ou com as quais, mais ou menos, nos relacionamos.

Durante a análise e interpretação das entrevistas dos sujeitos investigados, foi possível vislumbrar que os fatos apontados como significativos repercutiram em tomadas de decisão que desencadearam os rumos de suas vidas. Percebe-se que o fio condutor que se mantém durante suas trajetórias de vida tem origem nestas vivências elencadas. Assim o enunciado

emergente tem respaldo empírico nos excertos de depoimentos transcritos e amparo teórico em Damásio (2000) quando ressalta que:

A idéia que cada um de nós forma de si mesmo, a imagem que aos poucos construímos de quem somos física e mentalmente, ou de como nos inserimos na sociedade, baseia-se na memória autobiográfica, em anos de experiência, e está sujeita a contínua remodelação. Acredito que boa parte dessa construção ocorre de forma inconsciente e que o mesmo pode ser dito da remodelação. Esses processos conscientes e inconscientes, em qualquer proporção, são influenciados por todos os tipos de fatores: traços de personalidade inatos e adquiridos, conhecimento, meio social e cultural. O *self* autobiográfico que neste momento exibimos em nossa mente é o produto final não só de nossas inclinações inatas e experiências de vida reais, mas também de reprocessamento de memórias dessas experiências, sob a influência desses fatores (DAMÁSIO, 2000, p. 287).

Um dos sujeitos pesquisados salienta que acredita que o fato da pesquisa retratar *sua* própria experiência foi decisivo para o bom desenvolvimento do trabalho:

Eu nunca sofri com o mestrado, nunca foi ruim, escrever foi uma delícia. Eu entrei no mestrado grávida e saí grávida. Durante a formação nasceu um dos meus filhos e quando defendi faltavam 10 dias pra nascer o outro, não tinha sacrifício, aquela coisa das pessoas angustiadas, nervosas, com dor de cabeça, stressadas.

Neste sentido, Rogers (1997) sustenta que, no processo de tornar-se, cada um almeja intencionalmente ou inconscientemente ser o que é, como uma necessidade premente de buscar a si mesmo e tornar-se ele mesmo. Inicialmente se desvencilha dos papéis e derruba as falsas máscaras que tem consciência de estar usando ao perceber que até então estava sendo guiado por aquilo que deveria ser e não por aquilo que é. Para o autor é possível observar um padrão de movimento:

O indivíduo se move em direção a ser, com conhecimento de causa e numa atitude de aceitação, o processo que ele é de fato em profundidade. Afasta-se do que não é, de ser uma fachada. Não procura ser mais do que é, com todos os sentimentos de insegurança e os mecanismos de defesa que isso implica. Não tenta ser menos do que é, com os sentimentos implícitos de culpabilidade ou depreciação de si. Está cada vez mais atento ao que se passa nas profundezas do seu ser fisiológico e emocional e descobre-se cada vez mais inclinado a ser, com uma precisão e profundidade maiores, aquilo que é da maneira mais verdadeira (ROGERS, 1997, p.199).

Um dos componentes do caminho da autodireção presente no processo de tornar-se é a abertura para sua própria experiência, afirma Rogers (1997). Na medida que cada um

reconhece e se dispõe a assumir sua experiência interna e externa de ser o que realmente é se abre para o outro, aprecia a própria experiência, valoriza a si e ao outro por aquilo que ele é.

O autor usa o termo “*congruente*” para expressar a consciência da atitude ou sentimento que está sendo vivenciado no momento e torna uma pessoa inteira e unificada: “*qualquer atitude ou sentimento que estivesse vivenciando viria acompanhada da consciência dessa atitude. Quando isso é verdade, sou naquele momento, uma pessoa unificada e inteirada e é então que posso ser o que sou no mais íntimo de mim mesmo*” (ROGERS, 1997, p.59).

Em outra entrevista, o sujeito investigado esclarece que a idéia da inteireza vem do construto da Universidade Holística de Brasília, UNIPAZ, quando cursou a formação holística de base e tomou contato com uma literatura e conhecimento diferenciado, e percebeu que o código de comportamento é comum e os valores são universais.

Rogers (1997), quando aborda a descoberta do eu na experiência, explicita o que significa tornar-se o seu próprio eu. Aduz que ser o seu próprio eu significa encontrar a unidade, a harmonia e a ordem subjacente que existe entre os próprios sentimentos e reações reais no fluxo mutável da experiência.

Aceitar-se como um curso de tornar-se, e não como um produto acabado. Significa que uma pessoa é um processo fluido, não uma entidade fixa, estática; um rio corrente de mudanças, não um bloco de material sólido: uma constelação de potencialidades continuamente mutáveis, não uma quantidade fixa de traços (ROGERS, 1997, p.138).

No seguinte excerto, o sujeito entrevistado justifica a escolha do tema de sua pesquisa como resultante de seu próprio questionamento:

A escolha do tema foi na busca de respostas dessa minha inquietação, própria do ser humano, para onde vamos? Por que estamos aqui? Qual é o sentido e o significado da vida? Eu buscava e ao mesmo tempo respondia com referenciais teóricos, ciente de que todas as respostas ainda não estão dadas. Isso me ajudou na gestão de pessoas e nas escolhas da minha vida pessoal.

Pelos excertos dos depoimentos se pode aferir que as vivências apontadas pelos sujeitos pesquisados como fatos marcantes se transformaram em experiências fundantes de

suas aprendizagens e demonstram coerência com tema de pesquisa por eles desenvolvidos em suas respectivas dissertações e tese e aproximam o sujeito pesquisador de quem realmente é. Neste sentido, Josso (2004) alicerça o enunciado emergente – A ação traz intrinsecamente a consciência potencial de experiências fundadoras do processo subjetivo que aproximam o sujeito de quem é na investigação científica:

A reflexão sobre as experiências fundadoras, ao contribuir para compreender o processo de formação, evidencia o processo de conhecimento que correlativamente se desenrolou por meio da integração, mais ou menos alcançada, de um conjunto de conhecimentos que funcionam, a partir de então, como os pressupostos da ação e do pensamento (JOSSO, 2004, p.182).

Tanto é assim que estes sujeitos investigados em seus depoimentos relatam que, após a formação, aplicam naturalmente os estudos realizados nas respectivas pesquisas em suas práticas diárias, tanto no ambiente acadêmico em sala de aula como em outras esferas de suas vidas, o que vem reforçar a importância da pesquisa na revigoração do processo de ensino e de aprendizagem nas distintas esferas de suas vidas.

No seguinte trecho de seu depoimento o entrevistado descreve como incorpora no seu dia-a-dia o tema desenvolvido em sua pesquisa:

Depois da pesquisa pronta eu comecei a intensificar esse trabalho na sala de aula, eu trago as dimensões, mostro a importância disso para a vida desses alunos que estou ajudando a formar. Incorporei isso, a gente conversa sobre, trago leituras, eles lêem, – eu escrevi um texto incorporando isso na didática, então eu trabalho esse texto com eles. Para algumas turmas eu apresentei os resultados da pesquisa para eles verem que aplicar essas dimensões na prática não é algo assim do outro mundo, são coisas simples mas tem que estar atento. Eu costumo trabalhar com eles assim, - aqui está o teórico, e agora vamos lá na prática, se eu quero isso, como é que tem que ser isso lá na sala de aula.

Em outra entrevista o sujeito pesquisado afirma que, onde quer que esteja, multiplica a sua mensagem. Relata que, quando esteve à frente da coordenação pedagógica da educação infantil do colégio onde trabalha, fez com que a diretriz a ser seguida fosse da construção da identidade das crianças a partir da observação da inteligência espiritual. Essa orientação vem sendo seguida mesmo depois de ter sido redirecionado para outra função “ *larguei aquele departamento com essa raiz*”. Declara que atualmente ministra aulas de sociologia geral e sem entrar na questão propriamente da inteligência espiritual, aborda na prática quando trata de temáticas da própria disciplina, instigando os alunos a se reconhecerem como seres

espirituais. Afirma que o retorno dos alunos é percebido por suas próprias atitudes, por isso considera que está fazendo sua parte e contribuindo de alguma forma na vida dos alunos. Cita como os alunos costumam se referir às suas aulas “*quando a gente chega na sua aula é uma ilha, é um bálsamo, tudo que a sra. quer é que a gente se encontre*”.

Um dos sujeitos investigados em seu depoimento comenta que recentemente fez uma palestra e falou no perfil do profissional e salientou a importância de investir na inteireza, em todas as dimensões, não adianta ter apenas o conhecimento técnico “*eu acredito numa economia sustentável, mas para isso precisa ter pessoas inteiras que tenham a percepção das relações como um todo*”.

Outro entrevistado declara que continua sua busca, faz parte de em grupo de estudo e em todas essas áreas procura referendar cada dia mais os conhecimentos e experiências adquiridas durante a formação. Relata que é solicitado para trabalhar o tema da inteireza e espiritualidade em seminários de formação de professores, além de ter um espaço no jornal de sua cidade que oportuniza veicular o assunto em sua coluna semanal. Diante do meu interesse em saber mais sobre essas publicações, disponibilizou um arquivo com os artigos já veiculados, pelo que transcrevo alguns trechos:

A construção da inteireza inicia-se de dentro para fora e se expande à medida que a conquistamos, em um processo de contaminação pelo exemplo de integridade e confiabilidade, transformado em rastros luminosos que possam servir de farol na conduta que encaminhe a níveis mais elevados de consciência de toda humanidade em sua trajetória evolutiva (INTEIREZA, veiculado em 07/05/2008).

Partindo do pressuposto de que já nascemos inteiros, completos, todo o processo consiste em trazeremos à tona o que temos dentro de nós. Ambientes afáveis que estimulem o desenvolvimento integral - mente, corpo e espírito - são favorecedores para o desabrochar da sabedoria interna de cada indivíduo. Nossa caminhada nesse processo de construção do ser é individual, mas as aprendizagens ocorrem na relação com os outros e com o ambiente (ENSINAR É APRENDER, veiculado em 30/04/2008).

A educação a que a escola se propõe deve estar focada no desenvolvimento físico, racional, emocional e espiritual. Todos os atores são essenciais nesta engrenagem, e descobrir a nossa tarefa é fundamental para que possamos nos realizar nesta jornada (A ESCOLA, veiculado em Out/2007).

A descoberta do ser humano inteiro e sua inexorável interligação com todos e o todo podem colocar a salvo o futuro da humanidade (A DESCOBERTA DO SÉCULO XXI, veiculado em 20/05/2008).

Relata outro sujeito investigado que tem aplicado o conhecimento e a experiência que adquiriu durante a formação em sala de aula:

Eu estou dando continuidade, não ficou isso na pesquisa, eu levei isso para a sala de aula e os alunos gostam de escutar e conseguem refletir sobre o que eu estou falando, sobre o que eles pensam.

Sob este aspecto corrobora Nóvoa (1992) quando aborda a ação e o saber dos professores e questiona - Por que é que fazemos o que fazemos na sala de aula? Defende o autor que a resposta evoca uma mistura de vontades, gostos, experiências e até acasos que consolidaram gestos, rotinas e comportamentos com os quais cada um a sua maneira se identifica. Salienta que:

A maneira como cada um de nós ensina está diretamente dependente daquilo que somos como pessoa quando exercemos o ensino. Eis-nos de novo face à pessoa e ao profissional, ao ser e ao ensinar. Aqui estamos . Nós e a profissão. E as opções que cada um de nós tem de fazer como professor , as quais cruzam a nossa maneira de ser com a nossa maneira de ensinar e desvendam na nossa maneira de ensinar a nossa maneira de ser. É impossível separar o eu profissional do eu pessoal (NÓVOA, 1992, p.17).

A citação de Nóvoa reafirma as considerações iniciais da contextualização da pesquisa, é possível integrar na atividade profissional a minha maneira de ser e vivenciar a realidade com sensibilidade e criatividade como um todo que se abre ao sagrado. Cumpre salientar que este capítulo representa um quadro atual e experimental do momento em que foi construído, não algo final e definitivo.

Considero que o referencial teórico dos autores citados durante o desenvolvimento da pesquisa, analisados numa dinâmica conjunta com a interpretação dos excertos dos depoimentos dos sujeitos investigados, em um processo de fusão com a perspectiva do sujeito pesquisador de entender a realidade de uma maneira transdisciplinar, integrando sujeito – objeto – sagrado, foi possível responder ao problema de pesquisa - Como experiências formadoras de mestres e doutores se desvelam na investigação científica, ancorada no enunciado emergente - **A ação traz intrinsecamente a consciência potencial de experiências fundadoras do processo subjetivo que aproximam o sujeito de quem é na investigação científica.** Assim, antes de passar para o capítulo - Ponto de chegada:

Experienciando a própria pesquisa considerações que não são finais, não poderia deixar de citar Josso:

Eu aprendo com o que cria ou criou “experiência para mim, daí extraio ‘alguma coisa’, algo que passo a guardar comigo, cuja evocação me pode permitir uma retomada, uma reinterpretação e que serve de referencial para minha ação ou pensamento (JOSSO, 2004, p.214).

4 PONTO DE CHEGADA: EXPERIENCIANDO A PRÓPRIA PESQUISA: CONSIDERAÇÕES QUE NÃO SÃO FINAIS.

Experienciar o momento presente, estar aqui agora ciente do pulsar da energia vital com a percepção de que ao mesmo tempo em que o intelecto organiza as idéias, digita as frases no computador, o próprio organismo se autorregula internamente concomitantemente com tudo que o cerca externamente em perfeita harmonia é muito gratificante. Enquanto escrevo, as horas, os minutos, os segundos se perdem em meio às voltas do relógio que não para, a tarde se esvai, o sol segue seu percurso rumo ao poente, oferecendo de presente o seu colorido, despedindo-se do dia com a promessa de um novo amanhecer, enquanto a natureza agradece e a passarada em algazarra se prepara para adormecer.

Olho pela janela e percebo que a vida tem um ritmo preciso, enquanto permaneço aqui pensando, tudo está em movimento e em constante transformação, a vida é um ciclo. Mesmo no constante fluxo mutável da vida há certos momentos em que é chegada a hora de dar o ponto final. A última peça do quebra-cabeça foi colocada no lugar. É o momento de apreender o quadro completo e olhar o conjunto de todas as peças. Depois do trabalho desenvolvido, da pesquisa realizada, das conclusões alcançadas no capítulo anterior, percebo que as considerações não são finais, mas um constante movimento, numa dinâmica recursiva que retorna ao ponto inicial em forma de espiral, pois ao mesmo tempo que retoma o caminho já trilhado abarca novas emergências que são ponto de partida para um novo percurso.

No momento da conclusão há um movimento de entrega, de se deixar levar, tal qual uma semente solta ao vento em busca de solo fértil para germinar. A semente carrega em si toda a potencialidade da germinação, por mais sombrio e adverso que pareça o local o broto sempre se volta em direção à luz buscando crescimento. E assim como emergiu da semente, todo o desenvolvimento segue o ciclo para formar uma nova semente.

A riqueza do material trabalhado propiciou o aprendizado face a situações educativas singulares ocorridas nas trajetórias de vida e formação dos sujeitos pesquisados. O sujeito pesquisador não está imune, a partilha das vivências pelo sujeito investigado faz com que saia transformado, experimentando e refletindo sobre a própria experiência.

A experimentação é um processo natural cada um a sua maneira é um receptor da experiência. A experiência pode ser registrada, o experienciar é a própria sensação. Ao chegar ao fim da presente pesquisa, questiono qual foi a aprendizagem que resultou com esta experiência? A primeira lição foi a observação de si mesmo com a atenção consciente concomitante com a tomada de consciência de perceber o próprio pensar e agir para entender qual o propósito e o significado que orienta minha própria vida na relação e no contexto em que se encontra no aqui-agora.

A atenção consciente, diferentemente do pensamento reflexivo, da introspecção, é presencial na tentativa de unificar mente e corpo. O uso da expressão “*tentativa*” é em razão da dificuldade de acalmar a mente, eis que na maioria do tempo são inúmeras as conexões e interrelações mentais que ocorrem ao mesmo tempo. Dentre as leituras que realizei durante a formação para o desenvolvimento da pesquisa sobre atenção consciencialização, Varela (1991) fez com que fosse buscar a prática da *raja yoga*. Essa nova perspectiva proporcionou que eu despertasse para uma nova maneira de experienciar a vida no cotidiano. A minha percepção ficou diferente, sinto quando não estou na minha presença, mas no piloto automático. Acompanho o fluxo de pensamentos e com a atenção consciente já direciono o que interessa para o momento. Ainda são raros os momentos que a presença emerge de forma constante, normalmente a percepção é justamente pela desatenção. Porém, quando o pensamento está dissociado do corpo e se percebe que o piloto está no automático, esse é o momento de buscar o centramento, mas de uma forma tranquila como quem contempla a suave dança das nuvens soltas no vento sob o céu azul, e aos poucos o próprio ato de dar-se conta faz com que a atenção se volte para si.

Ao assumir minha própria experiência de ser o que realmente eu sou, valorizo o outro por aquilo que ele é. A abertura para própria experiência é um dos componentes do caminho da autodireção, essa foi a segunda lição. Perceber a dinâmica do outro e as articulações durante o processo de formação desencadeia um movimento recíproco no sujeito-pesquisador. O outro desperta o olhar para si, a análise do percurso dos sujeitos investigados faz com que o sujeito pesquisador interprete a sua própria trajetória tal qual o espelho, o outro reflete aquilo que eu sou em essência.

Pela análise e interpretação das trajetórias de vida dos sujeitos investigados, foi possível vislumbrar como cada um, ao seu tempo e à sua maneira, desenvolveu na formação

referências específicas de seu próprio interesse de conhecimento em virtude de experiências passadas, motivos presentes, projetos futuros que se desvelaram na investigação científica em suas dissertações e tese. Percebe-se que, durante a formação, houve um entrelaçamento entre o interesse dos sujeitos investigados e o que o Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação ofereceu através do SAE e da PP que desenvolvem os temas: Inteira do Ser e Dimensão Espiritual, sendo possível compreender como cada um desenvolveu sua busca, identificar a articulação entre o individual e o coletivo na tessitura do processo de conhecimento e de autoformação.

O desvelamento de como, cada um, a sua maneira orientou suas escolhas, até mesmo intuitivamente, evidenciou a intencionalidade dos sujeitos pesquisados. Durante a formação de cada sujeito investigado, a tomada de consciência das experiências formadoras permite desvelar o que potencialmente cada um traz, proporcionando a integração com o referencial teórico oferecido pelo Programa. A epistemologia do sujeito emergiu das atribuições de sentido do percurso de suas próprias vidas. Neste sentido, Josso (2004) vem embasar meu entendimento:

A narrativa da história de formação de cada um, como criadora das condições de uma objetivação das experiências formadoras, é a via de acesso ao processo de formação de cada um por meio daquilo que lhe dá forma (JOSSE, 2004, p.134).

Outro questionamento que exsurge é – até que ponto essa experiência foi formadora para mim? Refletir sobre o que foi formador na minha vida me permite situar o que hoje penso e faço e torna possível descobrir a origem do que eu sou hoje. A reflexão sobre o que foi formador e o que orientou as escolhas dos sujeitos investigados, o que fez sentido em suas vidas faz com que o sujeito pesquisador questione – o que aprendi com essa experiência?

Ao reavaliar experiências passadas e as experienciadas no presente, percebo que os referenciais experienciais e teóricos são atributos únicos que singularizam a minha trajetória de formação e desvelam o sentido atribuído à pesquisa realizada. Na minha trajetória de vida ao identificar experiências formadoras, reconheço aprendizagens que esclareceram questionamentos sobre a origem dos meus pressupostos constitutivos:

- essas experiências foram fundadoras a tal ponto que estruturam minha maneira de ser;

- alicerçam minhas idéias, pensamentos e se exteriorizam na maneira como me expresso;
- são propulsoras das intervenções que manifesto nas minhas relações e no contexto que me cerca.

Os tópicos elencados são sinalizadores na busca de respostas, referenciais para interpretação da realidade e compreensão da dinâmica do meu ser no mundo, releitura das escolhas e uma forma de identificar um horizonte futuro. A tomada de consciência do percurso de vida é propulsora do próprio processo de conhecimento e a reflexão sobre essa dinâmica desencadeia o processo de aprendizagem.

Essa metodologia de identificar as experiências fundantes durante o percurso de vida pode ser auxiliar em momentos de decisão e de escolhas, seja no âmbito pessoal, como profissional, enquanto dimensões inseparáveis. No âmbito acadêmico, pode ser um instrumento de verificação do fio condutor que conduz o sujeito durante a formação, um processo que responda qual é a sua busca e quais são seus interesses de conhecimento. É uma ferramenta a mais na metodologia de pesquisa no momento de escolha do tema que guarde maior coerência com a trajetória de vida do pesquisador.

Essas considerações não são finais, ao encerrar este capítulo – ponto de chegada, o sentimento é de gratidão e reconhecimento da transitoriedade. A vida é feita de finalizações e novos começos, do encerramento do velho para chegada do novo. A transitoriedade está na natureza das coisas. A figura a seguir, caligrafia *Sanka Ketsujitsu* de Mokiti Okada (2005), expressa esse momento, a tradução dos ideogramas é - As flores caem e os frutos se formam.

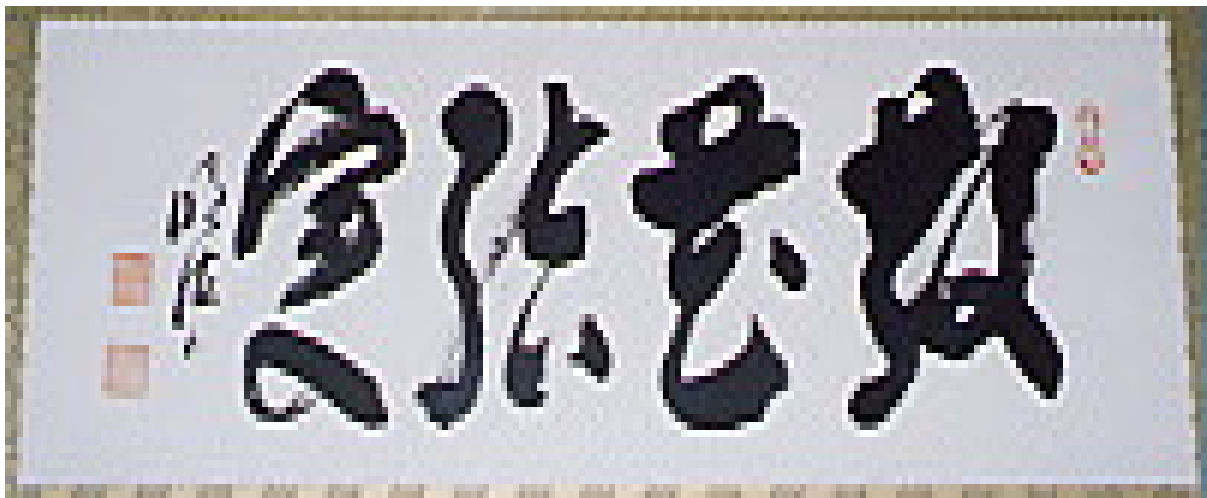


Figura 1 - Caligrafia *Sanka Ketsujitsu*: As flores caem e os frutos se formam.

REFERÊNCIAS:

- ANDRADE, Carlos Drummond. **A paixão medida**. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- BOGDAN, Robert C; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto, 1994.
- BRITTO, Carlos Ayres. **O humanismo como categoria constitucional**. Belo Horizonte: Fórum, 2007.
- DAMÁSIO, Antônio. **O mistério da consciência. Do corpo e das emoções ao conhecimento de si**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- DEMO, Pedro. **Pesquisa e informação qualitativa**. São Paulo: Papirus, 2001.
- ENGERS, Maria Emília do Amaral. **Paradigmas e metodologias de pesquisa em educação: notas para reflexão**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- GALVANI, Pascal. **A autoformação, uma perspectiva transpessoal, transdisciplinar e transcultural**. In: Educação e transdisciplinaridade, II. CETRANS, São Paulo: TRIOM, 2002.
- JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- _____. **Um desafio à educação: Repensar a pedagogia científica**. São Paulo: Letras & Letras, 1999.
- JOSSO, Marie – Christhine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.
- _____. **As figuras de ligação nos relatos de formação: ligações formadoras, deformadoras e transformadoras**. Educ. Pesqui. vol.32 no.2. São Paulo, 2006.
- JUARROZ, Roberto. **Para compreender uma voz escute todas as outras**. In: RANDON, Michel. O pensamento transdisciplinar e o real. São Paulo: TRIOM, 2000.
- LIMA, Moacir Costa de Araújo. **Afinal quem somos ?** Porto Alegre: AGE, 2006.
- MAXIMILIANO, Carlos. **Hermenêutica e aplicação do direito**. Ed. Livraria Freitas Bastos S/A, 1961.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

MORAES, Roque; HACKMAN, Berenice G ; MANCUSO, Ronaldo. **De Marte a Narciso (sobre) vivências em dissertações de mestrado.** Ijuí: UNIJUI, 2005.

MORAES, Roque; Galiazzi, Maria do Carmo. **Análise Textual Discursiva.** Ijuí: Ed. UNIJUI, 2007.

MORIN, Edgar. **O Método 5: a humanidade da humanidade: a identidade humana.** Porto Alegre: Sulina, 2005.

_____. **O Método 6: ética.** Porto Alegre: Sulina, 2007.

_____. **Introdução ao pensamento complexo.** Porto Alegre: Sulina, 2007.

_____. **Meus Demônios,** Rio de Janeiro: Bertrand, 1997.

_____. **Cabeça bem- feita: repensar a reforma, reformar o pensamento.** Rio de Janeiro: Bertrand, 2006.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** São Paulo: Cortez, Brasília, UNESCO, 2000.

NICOLESCU, Basarab. **O Manifesto da Transdisciplinaridade.** São Paulo: TRIOM., 1999.

NÓVOA, Antônio. **Vidas de professores.** Porto Editora, Portugal, 1992.

OKADA, Mokiti. **O homem no cotidiano.** Edição: Fundação Mokiti Okada - M.O.A. São Paulo, 2003.

_____. **O homem, a saúde e a felicidade.** Edição: Fundação Mokiti Okada - M.O.A. São Paulo, 2003.

_____. **Curso de Formação de membros.** Edição: Fundação Mokiti Okada - M.O.A. São Paulo, 2003.

_____. **Luz do Oriente.** V.2. Edição: Fundação Mokiti Okada – M.O.A. São Paulo, 2005.

PESSOA, Fernando. **Poesias Inéditas.** Edições Ática. Lisboa, 1970.

PINEAU, Gaston. **A autoformação no decurso da vida: entre a hetero e a ecoformação.** In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias. **O método (auto) biográfico e a formação,** Lisboa: 1988.

RANDON, Michel. **O pensamento transdisciplinar e o real.** São Paulo: TRIOM, 2000.

ROGERS, Carl. **Um jeito de ser.** São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Ltda, 1983.

_____. **Tornar-se pessoa.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Um discurso sobre as ciências.** Edições Afrontamento. Porto, 2002.

_____. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência.** Ed. Cortez. São Paulo, 2002.

VARELA, Francisco J. **El fenómeno de la vida.** Dolmen Ediciones S.A., Santiago do Chile, 2000.

_____. **Ética y acción.** Dolmen Ediciones S.A., Santiago do Chile, 1996.

VARELA, Francisco J.; Thompson, Evan; Rosch, Eleanor. **A mente corpórea, ciência cognitiva e experiência humana.** Instituto Piaget, 1991.

WOLMAN, Richard N. **Inteligência Espiritual. Um método revolucionário para você avaliar e expandir seu nível de consciência e energia espiritual.** Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

ANEXOS:

ANEXO A - Termo de Consentimento Informado:

Senhor(a) Professor(a):

Gostaria de convidá-lo(a) para participar da presente pesquisa que visa identificar experiências formadoras de mestres e doutores que desenvolveram estudos científicos no âmbito da dimensão espiritual e inteireza do ser no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

É um convite para reexaminar os pressupostos das suas escolhas com um olhar retrospectivo e prospectivo da sua trajetória de vida. A sua contribuição vai permitir identificar, em sua narrativa, relatos que, pela força de significação, foram incorporados como experiências formadoras, sob o ângulo da aprendizagem; analisar como se exteriorizaram durante o processo de autoformação e compreender como se desvelaram na pesquisa científica.

A participação é voluntária e pressupõe disponibilidade de tempo para realização de uma entrevista semiestruturada que será gravada e posteriormente transcrita, salvaguardada a sua identidade. A presente pesquisa é parte integrante da dissertação de Mestrado que pretendo defender no final do ano, sob a orientação da professora Leda Lísia Franciosi Portal, perante o Programa de Pós Graduação da Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS.

Desde já agradeço e assumo o compromisso de manter sigilo sobre sua identidade, bem como apresentar os resultados da pesquisa por ocasião da conclusão da investigação.

Atenciosamente,

Clarita Eveline Moraes Varella

Consentimento:

Concordo em participar desta pesquisa, estando ciente de seus objetivos e de que a produção intelectual será divulgada nos meios científicos, respeitado o anonimato.

Assinatura do participante

ANEXO B - Instrumento de Pesquisa: Entrevista Semiestruturada.

1. Quais fatos marcantes que, pela força de significação, influenciaram os rumos de sua vida?
2. Como esses fatos repercutiram em tomadas de decisão reveladoras de posições existenciais?
3. Identifique o fio condutor de sua trajetória de vida que se manteve presente durante o período de formação do mestrado/doutorado.
4. Durante a sua formação, quais as vivências que se transformaram em experiências fundadoras sob o ângulo da aprendizagem?
5. Na sua trajetória de vida, que valores, referenciais, ideários, experiências fundadoras demonstram certa coerência interna com o tema da pesquisa realizada no mestrado/doutorado?
6. Por que escolheu trabalhar o tema espiritualidade/inteireza do ser?
7. Como experienciou este momento da entrevista, autorreflexão retrospectiva e prospectiva da sua vida? Por quê?
8. Considera a reflexão como uma forma de experiência em si? Por quê?
9. Depois desta entrevista, da autorreflexão, da partilha, considera o tempo presente como fonte de experiência? Por quê?

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

V293e Varella, Clarita Eveline Moraes
Espiritualidade e inteireza do ser : um processo de
autoformação na investigação científica / Clarita Eveline
Moraes Varella. – Porto Alegre, 2009.
75 f.

Diss. (Mestrado) – Faculdade de Educação, PUCRS.
Orientador: Profa. Dra. Leda Lísia Franciosi Portal.

1. Educação. 2. Pesquisas Científicas. 3. Pesquisadores.
4. Espiritualidade. 5. Formação Profissional. I. Portal, Leda
Lísia Franciosi. II. Título.

CDD 370.71

Bibliotecária Responsável: Dênira Remedi – CRB 10/1779